



Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

mai-jun de 2014



Exemplar avulso: R\$ 11,96



Intenção ou
predeterminação?, p. 12

Inspiração em
debate, p. 25

EVANGELHO

O CAMINHO SEM ATALHOS



Vivendo diante de Deus

Dariamente, o pastor lida com questões éticas. Por essa razão, nunca é exaustivo lembrar o padrão de conduta que devemos revelar em nossa vida pessoal e no trato com as pessoas. Aqui estão alguns aspectos que devemos ter em mente quanto à ética pastoral:

Pregação. Não é apenas transmitir informações, mas o anúncio do que o Senhor Jesus Cristo está fazendo em nossa vida, de modo que os ouvintes compreendam que eles também podem experimentar nova vida em Cristo.

Privacidade. Embora seja necessária, ela não descarta a responsabilidade. Em termos práticos, não podemos separar a vida pública da vida privada. Somos em público o que somos na privacidade.

Família. “O bem-estar espiritual da família [do pastor] está em primeiro lugar. Não é tanto a religião do púlpito, mas a religião na família que revela nosso verdadeiro caráter” (Ellen G. White, *Pastoral Ministry*, p. 58). Alguns de nós éramos mais ternos, compreensivos, perdoadores, atenciosos, sempre procurando razões para elogiar a esposa, antes do casamento. Não devemos abandonar esses comportamentos e atitudes que fortalecem a vida familiar.

Comparação com outros pastores. Lembra-se do primeiro sermão que pregou em alguma igreja? Alguns disseram que você era melhor pregador do que seu antecessor. Noel S. Fraser, que foi missionário na Índia, lembra-nos de que “a mesma língua que critica nosso antecessor também nos criticará depois”. Podemos ter êxito, sem permitir que sejamos comparados com os que nos antecederam. Afinal, o êxito é determinado por Deus mediante nossa fidelidade à nossa vocação.

Relacionamento denominacional. Congregações adventistas do sétimo dia fazem parte de uma estrutura organizacional mundial, da qual também participo como pastor e ministro dessa denominação. Portanto, tenho responsabilidades éticas quanto a isso. Se eu critico a Igreja, não devo ficar surpreso quando os irmãos seguem meu exemplo e também me criticam.

Aconselhamento. Considerando que o aconselhamento pastoral requer fidelidade a padrões profissionais estritos, aqui estão alguns princípios que ajudam a evitar cair em armadilhas perigosas: 1) Reconheça seus limites. 2) Aconselhamento é apenas uma parte do ministério. 3) Os pastores não podem abordar todas as questões, como se eles fossem especialistas em tudo. Há casos que requerem o encaminhamento da pessoa a um profissional especializado. 4) Em caso de conflito interpessoal, não tire conclusões antes de ouvir as duas partes. 5) Seja estritamente confidencial. Isso protege seu ministério e a pessoa aconselhada. 6) Procure saber quais são as implicações legais, diante de um relato, por exemplo, de abuso sexual infantil.

Sexo. Descuido quanto à conduta sexual tem trazido consequências devastadoras a muitos pastores. Autoconfiança e situação de poder são duas razões pelas quais alguns têm

“Os pastores devem ter um plano de crescimento espiritual. Qual é o seu?”

cruzado a linha que não deviam ter cruzado. Quais são alguns cuidados que o pastor deve tomar? 1) Ame sua esposa e faça propaganda disso. Os laços entre os dois são tão fortes que todos entendem a mensagem, mesmo quando você está sozinho? 2) Esteja atento para sua vulnerabilidade. O que acontece a outros também *pode* acontecer com você. 3) Reconheça sua responsabilidade diante de Deus e para com a pessoa que busca seu conselho. 4) Esteja preparado para fugir do pecado. Algumas pessoas o procurarão com interesse sexual disfarçado. Haverá situações em que a única alternativa será correr, literalmente, à semelhança de José. 5) Fortaleça sua espiritualidade. Os pastores devem ter um plano de crescimento espiritual. Qual é o seu? ▀

ERRAMOS:

Na matéria publicada nesta seção, na edição anterior, o nome de Eliseu foi incorretamente trocado pelo de Elias. Pedimos perdão por esse lamentável erro.

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Design Gráfico:

Marcos S. Santos

Capa:

Montagem de Renan Martin sobre fotos
de Fotogestoeber e FotolEdhar | Fotolia

Fotos internas:

William de Moraes (Editor),
Ministry e cortesia dos autores

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Jerry Page; Derek Morris.

Colaboradores:

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Daniel
R. Marin; Edilson Valiante; Eliézer Júnior;
Eufrazio Quispe; Geovane Souza; Horácio
Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú Caetano; Jim
Galvão; Leonino Santiago; Salomón Arana.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 58,10

Exemplar Avulso: R\$ 11,96



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita
do autor e da Editora.



Evangelho puro e simples

Sendo tão simples, o evangelho não é compreendido em sua plenitude pelo ser humano. É simples porque tudo se resume neste fato: Um Deus Se fez homem, veio viver entre os homens e Se sacrificou voluntariamente, morrendo numa cruz, para salvar os pecadores. Aceitando-O e a Seu sacrifício substituto, pela fé, o ser humano é perdoado, recebe salvação e tem a chance de vida eterna com Deus em Seu reino. Então, simplesmente “já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8:1).

Porém, na simplicidade do evangelho está sua profundidade. Jesus Cristo é o Verbo divino personificado, sem o qual “nada do que existe teria sido feito” (Jo 1:3), possuidor de “toda a plenitude da Divindade” (Cl 2:9), no qual “foram criadas todas as coisas nos céus e na Terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades”, a respeito de quem é dito ser “antes de todas as coisas, e nEle tudo subsiste” (Cl 1:16, 17). É santo, imaculado. Diante disso, quem há que possa entender plenamente o fato de que Ele tenha Se esvaziado a Si mesmo, “vindo a ser servo, tornando-Se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-Se a Si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2:7, 8)? De fato, o princípio motivador desse gesto – o amor de Deus – será tema de estudo para os remidos, pelos séculos da eternidade.

Por isso, talvez alguns se perguntem: Transcendente como é a salvação, acaso não exige que lutemos renhidamente, na tentativa de praticar e acumular boas obras a fim de que possamos merecê-la e conquistá-la? É nesse ponto que tem início a jornada do legalismo. A sofisticada mentalidade humana em nossos dias muito menos entende a mensagem do evangelho. Suas esperanças de vida melhor estão concentradas no conhecimento, progresso científico, nas conquistas, riqueza, fama, no prazer hedonista e no relativismo liberal.

Mas, em termos de transformação do ser humano, não existem alternativas ao evangelho puro, simples e profundo da graça de Deus. Paulo ficou surpreso de que os gálatas estivessem se deixando atrair por “outro evangelho” e declarou anátema qualquer outra opção. Recebido no coração, ele refinará nosso caráter, purificará e santificará nossos motivos. Já não estaremos ávidos pelo aplauso, fama nem “promoções”. Recebido no coração, o evangelho nos tornará condutos pelos quais o amor de Deus fluirá levando o bálsamo confortador e restaurador da graça a outras pessoas, amando-as com o amor de Deus, vendo nelas o que Ele pretende que sejam. Que inaudito privilégio é viver e compartilhar, por preceito e exemplo, o evangelho! ▀

Zinaldo A. Santos

10 PASTOR KATARTISMOS

Um modelo pastoral que impulsiona o crescimento da igreja.

12 INTENÇÃO OU PREDETERMINAÇÃO?

Análise de textos supostamente favoráveis ao ensino da predestinação.

15 O PREGO E O JUMENTO

Reflexão sobre a maior tentação enfrentada pelo pastor.

17 UM CAMINHO SEM ATALHOS

Por que o evangelho é a única alternativa para transformar o ser humano.

21 A DIDÁTICA DIVINA E A NOSSA

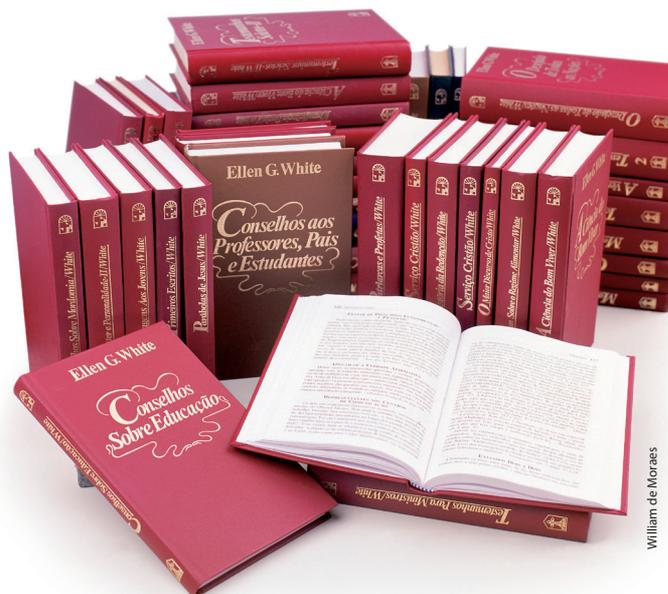
Lições da comunicação entre Deus, Daniel e Nabucodonosor.

23 EVANGELISMO DO SILÊNCIO

Como é possível ministrar sem dizer nada? Quais são os benefícios dessa prática?

25 INSPIRAÇÃO EM DEBATE

A Conferência Bíblica de 1919 e o trabalho de Ellen G. White.



William de Moraes

28 MINISTÉRIO DO AMOR

Sugestões para o êxito na abordagem de membros afastados da igreja.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“O foco na posição nos transformará em políticos, quando devemos ser pastores. Fará com que exijamos ser servidos, quando devemos querer servir.” – Paul Tripp

Podemos fazer diferença



Graz



Dwayne



Diop

“A liberdade religiosa é um presente de Deus, um direito humano, um sinal do reino de Deus e uma mensagem profética”

por Derek Morris e Willie Hucks II

Sob a liderança de John Graz, Dwayne Leslie e Ganoune Diop, o Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa da Igreja Adventista se propõe a promover e defender esse tipo de liberdade para todos, em todo lugar, e contribuir para que a Igreja seja reconhecida como comunidade cristã, seguidora dos ensinamentos bíblicos.

John Graz tem cidadanias suíça e francesa, é teólogo, historiador e sociólogo, sendo mestre pela Universidade Montpellier, e doutor pela Universidade Sorbonne, em Paris. Graz foi pastor de igrejas, diretor de Comunicação, apresentador de rádio e televisão e escritor. Desde 1995, trabalha na Associação Geral da Igreja Adventista.

Dwayne Leslie estudou ciências políticas e econômicas na Universidade Andrews e, antes de trabalhar na AG, liderou departamentos em várias empresas fora da Igreja, tendo sido editor da revista *International Tax & Business*. Atualmente, também é membro da comissão financeira da Universidade Adventista da União do Pacífico.

Nascido em Dakar, Senegal, o pastor Ganoune Diop é mestre em Exegese e Teologia pela Universidade Collonges, mestre em Filologia pela Universidade de Paris e PhD em Antigo Testamento pela Universidade Andrews. Antes de se unir à equipe de Liberdade Religiosa, ele dirigia o Centro Adventista de Estudos em Missão Global, na sede mundial da Igreja.

Nesta entrevista, eles falam sobre os objetivos do departamento e ações para a manutenção da liberdade religiosa.

Ministério: Qual é a abrangência do Departamento de Relações Públicas e Liberdade Religiosa da Igreja Adventista?

Graz: O Departamento de Liberdade Religiosa foi organizado em 1901. Depois da segunda guerra mundial, foi criado o setor de Relações Públicas. Uma das nossas atividades é a promoção e defesa da liberdade religiosa. Trabalhamos através da Associação Internacional de Liberdade Religiosa, IRLA, para facilitar o acesso a autoridades. Também promovemos relações públicas. Outra atividade é o relacionamento interdenominacional. Finalmente,

estão as atividades protocolares, ou seja, receber estadistas, governantes, ministros de governo e outras autoridades. Somos um departamento reconhecido pela Organização das Nações Unidas, ONU, e exercemos grande influência na busca de solução para muitos problemas internacionais. Estamos envolvidos na defesa e promoção dos direitos humanos.

Ministério: *Quais são as atividades específicas de cada um dos senhores?*

Dwayne: Parte das minhas responsabilidades é acompanhar de perto toda legislação sobre liberdade religiosa que possa causar impacto na igreja. Participo de muitas reuniões interdenominacionais que tenham interesse na proteção e promoção da liberdade religiosa. Devemos ser incansáveis na defesa dessa liberdade em todo o mundo. Regularmente, me reúno com chefes de Estado, membros de poderes legislativos e outras autoridades governamentais. Mantenho contato também com outras comunidades religiosas, a fim de que possamos contar sempre com a simpatia delas.

Diop: Represento a Igreja Adventista do Sétimo Dia na ONU. Meu trabalho é convencer líderes mundiais, diplomatas, legisladores, executivos, de que seus respectivos países só têm a ganhar com a presença dos adventistas. Assim, tenho oportunidade de informar sobre quem somos, em que cremos e qual é nossa teologia. A ONU tem três fundamentos: 1) Paz e segurança, isto é, busca de instrumentos para resolver conflitos internacionais; 2) desenvolvimento e justiça; e 3) direitos humanos. Isso pode ser subdividido em três pilares: Liberdade, igualdade e dignidade humana. Nós, adventistas, temos muito a oferecer nesse contexto, porque somos cristãos, e Jesus falou de paz, segurança, liberdade, igualdade e dignidade. Na verdade, temos contribuído nas áreas de educação, saúde, jovens,

mulheres, questões humanitárias e direitos humanos. Somos poucos, comparados a outras organizações, mas podemos construir uma infraestrutura que nos habilite a fazer diferença no mundo.

“Enquanto tivermos liberdade devemos fazer tudo o que pudermos para alcançar outras pessoas”

Graz: Temos conversado com outras igrejas. O resultado é que elas reconhecem os adventistas como igreja cristã. Muitos nos consideravam uma seita, mas o diálogo tem ajudado a mudar esse ponto de vista. O Dr. William Johnsson, ex-editor da *Adventist Review*, é responsável pela iniciativa desses diálogos. O Dr. Diop é membro da comissão do Fórum Global Cristão, com representantes de várias igrejas. Durante dez anos, tenho sido secretário da Comunhão Cristã Mundial, o mais elevado grupo de líderes religiosos. Antes de mim, durante 32 anos, o secretário foi o pastor Bert Beach, meu antecessor no departamento de Liberdade Religiosa. Isso significa que, por mais de 40 anos, o secretário de um dos mais expressivos grupos interdenominacionais é adventista.

Ministério: *Como os senhores veem a liberdade religiosa no mundo, hoje, e o que seu departamento tem feito para defendê-la e promovê-la?*

Graz: Nos últimos 18 anos, a liberdade religiosa tem diminuído no mundo. Quando assumi o departamento, em 1995, eu tinha muita esperança em países como Rússia, cuja legislação foi aberta. Billy Graham foi a Moscou, e Mark Finley fez campanha evangelística no Kremlin. Hoje, o evangelismo público seria muito difícil. O centro da Ásia era aberto,

mas hoje é mais difícil. Há um número limitado de igrejas e é muito difícil abrir novas igrejas. Precisamos saber o que está acontecendo. Temos bons colegas que nos dão informações. E quando temos um problema em algum lugar, trabalhamos através do que temos. Um dos nossos recursos é construir uma rede de comunicação com quem podemos trabalhar. Assim, quando algo acontece, sabemos quem pode ajudar e não desperdiçamos tempo. As primícias da liberdade religiosa são o direito de pregar o que você crê; o direito de ser diferente e o direito de se unir a outros. Nós estamos defendendo esses direitos básicos. Mas, não podemos fazer isso sozinhos. Temos que trabalhar com outros, procurando fazer amigos. Isso é o que costumamos fazer na tentativa de aprovar leis que protejam os adventistas.

Dwayne: De acordo com relatório do Fórum de Igrejas, 75% da população do mundo vivem sob alguma forma de restrição religiosa. O relatório anterior assinalava 70%. Assim, a situação não está melhorando. Em lugares como Casaquistão, onde são implementadas leis religiosas restritivas, muitas igrejas, incluindo a adventista, perderam seu *status* legal e foram submetidas a testes qualitativos e quantitativos, a fim de serem restabelecidas como religião. Quando isso é permitido, a igreja deve funcionar em um edifício autorizado, sob proibição de pregar em outros lugares. Ou seja, estudos bíblicos nos lares são proibidos. Muitas igrejas que não são restabelecidas ficam sujeitas a invasões e depredação. Muitas denominações minoritárias são perseguidas e impedidas de seguir sua consciência. Precisamos falar contra isso.

Diop: Quando falamos de restrições, temos, por um lado, as restrições governamentais. Por outro lado, temos a hostilidade da população. Entre 80% e 90% dos perseguidos por causa da fé são cristãos. Cada

ano, aproximadamente 150 milhões de cristãos são assassinados. Em uma reunião sobre direitos humanos na ONU, alguém me falou sobre o que está acontecendo no Sudão. Ali, os cristãos são assassinados, ou forçados a deixar o país, e as igrejas são queimadas. Infelizmente, isso está aumentando em várias partes do mundo. Nosso trabalho é observar o que está acontecendo, informar a igreja e orientá-la como agir. Não vamos conter a onda do mal neste mundo. Entretanto, podemos ajudar a fazer alguma coisa, se os membros da igreja forem educados e treinados a se relacionar com outros. Os fundamentos e princípios bíblicos nos ajudam a interagir com outras pessoas, como Cristo fazia.

Graz: Temos visitado países onde o povo é perseguido. Passamos alguns dias no leste da Indonésia, depois da guerra entre cristãos e muçulmanos. Visitamos os dois grupos e os animamos a estar presentes no processo de paz. Vimos os resultados da intolerância religiosa – milhares de pessoas assassinadas, igrejas, mesquitas e casas queimadas. Há muitas pessoas nas prisões, como é o caso de Sijjad Masih, jovem adventista de 28 anos, condenado à prisão perpétua, acusado falsamente de blasfêmia. No Paquistão e em outros países, leis contra blasfêmia e apostasia criam situações extremamente opressivas para as minorias religiosas. Todas as vezes em que viajamos, encontramos com autoridades e líderes religiosos, e verificamos o que podemos fazer para ajudar. Algumas vezes, apenas nossa presença pode ajudar.

Ministério: Qual é a razão de ser dos festivais de liberdade religiosa?

Graz: Quando a liberdade religiosa é ameaçada, todos são afetados. Por isso, em vez de ficarmos avaliando e dialogando em grupos limitados, ampliamos a participação e tentamos alcançar as pessoas. O conceito é simples: Cremos que chegou

o tempo de dizer: “Muito obrigado” pela liberdade religiosa. Isso significa que, nos países em que temos essa liberdade, devemos dizer: “Muito obrigado!” a Deus e ao governo. Nós, os irmãos, devemos compreender que, se vivessem na Arábia Saudita, no Paquistão, por exemplo, poderiam estar na prisão. Felizmente, estão em países com liberdade religiosa e devem ser incentivados a apreciá-la. De 2006 a 2013, 200 mil pessoas assistiram aos festivais. Mais de 50 estão planejados para 2014. Eles têm mudado a imagem da liberdade religiosa, que não mais é vista como coisa de especialistas, mas de todos. Aproveitamos a ocasião dos festivais para realizar simpósios, congressos e outros eventos relacionados à liberdade religiosa. A cidade de São Paulo declarou o dia 25 de maio, dia da realização do festival, como “Dia Anual de Liberdade Religiosa”. É a primeira megalópole do mundo a ter seu dia de liberdade religiosa.

Ministério: De que maneira os pastores e igrejas locais podem ajudar a defender a liberdade religiosa?

Dwayne: Uma das principais coisas que o pastor pode fazer é desenvolver a conscientização da igreja local. Muitos membros não estão conscientes das restrições à liberdade religiosa ao redor do mundo hoje. Porém, todos podem orar em favor daqueles que estão sendo perseguidos e, para isso, líderes e membros da igreja devem ser informados e conscientizados sobre a importância do assunto. Embora alguém possa pensar: “Bem, que influência eu posso ter sobre um país estrangeiro?” Ele pode se informar sobre o que acontece no mundo e manter a igreja em sintonia, engajando-a no plano de oração em favor dos perseguidos e sofrendores. Siga o twitter @IRLA_USA.

Graz: O quarto sábado de janeiro é dedicado à promoção da liberdade religiosa na igreja. Ele não deve ser esquecido. Cada igreja deve ter um

diretor de liberdade religiosa e uma equipe que promova eventos relacionados ao assunto. Espera-se que o pastor mantenha contato com as autoridades locais, colocando-se, bem como a igreja, à disposição para ajudar em projetos comunitários, educacionais, humanitários, entre outros.

Diop: Pessoalmente, não acho que as coisas vão melhorar, infelizmente, nem mesmo para os adventistas. Ellen G. White falou a respeito do agravamento das restrições à liberdade religiosa. Poucas vezes ela foi tão específica, especialmente ao falar dos Estados Unidos. Realmente, será terrível! Mas, ela também falou que, enquanto tivermos liberdade, devemos fazer tudo o que pudermos para alcançar outras pessoas. O tempo de fazer isso é justamente agora.

“Espera-se que o pastor mantenha contato com as autoridades locais, colocando-se à disposição para ajudar”

Graz: Ela disse também que devemos desfraldar a bandeira da verdade e da liberdade religiosa nestes últimos dias. Quando as pessoas me perguntam por que defendemos a liberdade religiosa, frequentemente respondo que ela é um presente de Deus, um direito humano, um sinal do reino de Deus e uma mensagem profética. Sabemos que um dia perderemos a liberdade religiosa. Por isso, algumas pessoas perguntam: “Se você sabe disso, por que a defende?” Eu respondo: “Sabemos que as pessoas morrerão, mas construímos hospitais. Defendemos e promovemos a liberdade religiosa, porque sabemos que ela faz parte do reino de Deus.” A liberdade religiosa é uma das maiores expressões do amoroso caráter de Deus. ▀



Sozinhos na multidão

O que sua igreja está fazendo em favor das pessoas que se sentem excluídas?



De acordo com o jornal *Folha de Portugal*, de 5 de dezembro de 2013, “considerado um grande mal da atualidade, o isolamento é tão prejudicial quanto álcool, cigarro e obesidade. O risco de morte das pessoas que vivem sozinhas é o dobro das que permanecem acompanhadas. A solidão é um dos maiores flagelos das sociedades modernas, afetando jovens e idosos, de todas as classes sociais. O número de pessoas que vivem sozinhas, sem família, é cada vez maior nas grandes cidades da Europa e da América. Segundo alguns psicólogos, esse grupo está mais vulnerável a doenças físicas e psíquicas. Seu sistema nervoso se mostra menos estável, menos forte e mais propenso a contrair

doenças crônicas. O sentimento de rejeição aumenta a pressão sanguínea, o nível de estresse, causando cansaço e aumentando as possibilidades para desenvolvimento do mal de Alzheimer”.

Diante dessa preocupante realidade, e pensando em nosso contexto eclesial, é inevitável o surgimento de uma pergunta: Acaso, existem pessoas solitárias na igreja? É possível alguém se sentir só em uma igreja repleta? Infelizmente, sim. O problema se revela mais inquietante, ao nos lembrarmos de que são pessoas que, sentindo-se excluídas, além de estar expostas a males físicos e psíquicos, podem vir a desenvolver males espirituais com risco de perderem a vida eterna.

Adoradores solitários

Em quase todas as igrejas, existem adoradores solitários que assiduamente vão aos cultos e demais programações. Entram no templo, sentam-se anônimos sem que ninguém deles se aproxime ou mostre interesse neles, mas parecem resignados a esse fato, entrando e saindo sem que sejam notados.

Quem são esses adoradores? Entre eles está aquela mãe cujo esposo não somente se recusa a acompanhá-la à igreja, mas a critica, ofende e tenta impedir que ela leve as crianças. Somente ela sabe a intensidade da luta que trava semanalmente para estar aos sábados na Escola Sabatina e no Culto Divino. Ninguém parece conhecê-la; ninguém a cumprimenta. Certo dia, ao se dirigir ao ponto do ônibus, carregando num dos braços o bebê, uma bolsa enorme contendo fraldas, mamadeira e outros apetrechos, e segurando com a outra mão o outro filhinho, um estranho se aproximou. Ele se prontificou a ajudá-la, ao perceber que o bebê parecia escorregar do braço dela. “Tinha que ser um estranho!”, ela pensou. Na igreja, ninguém jamais pareceu ter percebido sua luta, muito menos lhe havia oferecido ajuda. Por que pessoas à semelhança dessa piedosa mãe perseveram em frequentar a igreja, mesmo diante de tais adversidades? Elas necessitam profundamente de Deus.

Há também o jovem universitário que mora em uma república na cidade, longe da família e dos amigos. Em sua igreja de origem, ele era atuante. Agora, porém, vive sem que aparentemente ninguém o perceba, nem o veja, mesmo tentando ser simpático para com todos. Por isso, sente saudade dos amigos conversando, ao redor da mesa, durante o almoço de sábado, rindo, cantando e brincando juntos. Agora come um sanduíche tão frio quanto a temperatura social da igreja que frequenta.

O irmão idoso, que recentemente ficou viúvo, senta-se sozinho no mesmo lugar em que costumava se sentar acompanhado da saudosa esposa. Mas agora está só. Cumprimenta, sorri, mas volta com sua solidão para uma casa vazia, onde continua sem ter com quem conversar, pois ninguém o visita.

A senhora que sempre foi sorridente e simpática agora tem o olhar tristonho, parecendo contemplar o vazio, porque o esposo a abandonou, deixando-a sozinha com as crianças. Seu grupo de amigos foi desfeito, pois não se sente mais à vontade, ou não encontra espaço, entre os casais casados, nem cabe no grupo dos solteiros. Entre os esquecidos da igreja está a família que acabou de se mudar para aquela comunidade, mas que ainda não conhece ninguém. Seus componentes entram e saem, mas os rostos lhes são desconhecidos e parecem não ter um sorriso de boas-vindas para eles. Finalmente,

há o casal recém-converso que aceitou Jesus, mas não foi ainda aceito pela família em que acabou de nascer espiritualmente. Perdeu muitos amigos e familiares, por amor a Cristo, mas ainda não sentiu o reflexo desse amor na nova comunidade à qual agora pertence.

Ministérios inclusivos

Esses solitários existem; são pessoas reais, que tiveram a identidade preservada. Está você seguro de que, em sua igreja, não há pessoas vivendo experiências parecidas? Caso haja, o que a igreja pode fazer ou está fazendo em favor delas?

A Bíblia relata a história de um excluído solitário que foi aceito num palácio real: Mefibosete, filho de Jônatas. Depois de haver sido descoberto em seu isolamento e ser levado à presença do rei Davi, Mefibosete ouviu a bondosa declaração inclusiva do rei em relação a ele. Então, reagiu com palavras reveladoras do seu sentimento de excluído: “Quem é o teu servo, para que te preocupes com um cão morto como eu?” (2Sm 9:8). Porém, “Davi chamou então o jovem à corte e o recebeu com grande bondade... a recepção generosa e cortês conquistou o coração do moço; ele se afeiçãoou grandemente a Davi” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 713).

Ainda há “Mefibosetes” na igreja. Eles precisam receber o mesmo tratamento dispensado por Davi ao filho de Jônatas – recepção bondosa, cortês e generosa que conquistou o coração deles. O Ministério do Serviço, diáconos e diaconisas, deve se encarregar de visitar

os idosos e cuidar deles. O Ministério da Mulher tem a responsabilidade de cuidar das divorciadas, por meio do projeto “Só, mas não sozinha”. O Ministério Jovem cuida dos estudantes que estão longe de casa. O Ministério Pessoal é responsável pelos recém-conversos, incluindo-os no programa do discipulado. O Ministério da Recepção atende os recém-chegados.

Na realidade, a igreja necessita se tornar acolhedora, um lugar em que todos se sintam parte do povo de Deus; sintam Seu abraço através do contato de cada membro. A igreja precisa ser uma fonte de alegria, compreensão, amizade, saúde física, emocional e espiritual. Jesus afirmou: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10:10). Todos nós precisamos sentir que “somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo Seu apelo por nosso intermédio” (2Co 5:20). À semelhança de Paulo, cada um de nós deve dizer: “Graças a Deus, que sempre nos conduz vitoriosamente em Cristo e por nosso intermédio exala em todo lugar a fragrância do seu conhecimento” (2Co 2:14).

Uma igreja acolhedora é como o bom perfume de Cristo, que espalha Sua fragrância e atrai pessoas. ▀

“A igreja acolhedora é como o bom perfume de Cristo, que espalha Sua fragrância e atrai pessoas”



Professor de Novo Testamento no Avondale College, Cooranbong, Austrália

Pastor *katartismos*

A expectativa de que o pastor seja o único conquistador de pessoas para a igreja é antibíblica

Poucos anos atrás, experimentei um período crítico no ministério. Eu estava empenhado em evangelismo, conduzindo um programa após outro, na cidade de Auckland. Tive o privilégio de realizar palestras em diferentes comunidades. Embora o programa fosse recompensador, consumia muito tempo. Depois de realizar três campanhas, uma após outra, emendei uma campanha em uma cidade vizinha. Isso significou ter que viajar aproximadamente durante um mês, saindo de casa mais ou menos às 16h30 e voltando às 22h.

Mesmo com todo esse trabalho, tentei dedicar tempo à minha esposa e meus filhos. Minha esposa nunca se queixou dessa correria, reconhecendo que eu estava “trabalhando para o Senhor”. Entretanto, tornei-me tão absorto no ministério que meu tempo com eles acabou sendo prejudicado. Fiquei exausto e minha disposição não era mais a mesma. À medida que aquele ano começou a desacelerar, certo dia minha esposa e eu fizemos um balanço de nossa vida em uma conversa casual que nos abriu os olhos. O tempo com a família e com nossos queridos realmente nos importava, mas

não tínhamos visto nossos familiares naquele ano, porque eu estive muito ocupado. Eu nem mesmo separei um dia especial para ela naquele ano.

Frequentemente os pastores assumem o papel do “cavaleiro solitário”. Pensam que a igreja não andarão sem eles. Embora rodeados pelas pessoas, ministramos isoladamente. Assim, não apenas a igreja se torna dependente do pastor, mas frequentemente os pastores dependem da igreja para seu próprio senso de cumprimento do trabalho. Naquele ano, falhei em meu papel de capacitador.

Na verdade, uma das mais importantes funções do pastor é a de capacitador – *katartismos*. Essa palavra grega aparece apenas em Efésios 4:12, sendo traduzida muitas vezes como “equipar”, “aperfeiçoar” ou “preparar”.¹ “E Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4:11-13).²

Neste artigo, analisaremos o uso dessa palavra nas Escrituras, a fim de compreendermos mais plenamente seu significado e extrair suas implicações para o pastor.

Mandado bíblico

O verbo *katartizô*, encontrado 17 vezes na Septuaginta, pode significar “estabelecer” (Sl 74:16); “equipar ou restaurar” (Sl 68:9); e “completar e terminar” (Ed 4:12, 13). Aparece 13 vezes no Novo Testamento e pode significar “restaurar ou consertar” redes de pesca (Mt 4:21); “restaurar um irmão caído” (Gl 6:1); “preparar” (Rm 9:22; Hb 10:5); e “colocar em ordem”, “completar”, “prover” (1Ts 3:10; 1Co 1:10). A palavra sugere fazer alguma coisa funcionar da maneira para a qual foi designada; tirar algo da ineficácia e levá-lo à efetividade.³

O profundo e complexo conceito de *katartismos* sugere que os pastores são incapazes de realizar sozinhos tudo o que é requerido para cumprir sua função. Toda a igreja deve cumprir esse ideal, mas o pastor deve liderar, motivar, exemplificar, capacitar a congregação, desenvolver e aprimorar um ministério de

capacitação na igreja local.⁴ Quando o pastor cumpre esse papel, o corpo de Cristo é mobilizado por meio do poder do Espírito, e a igreja se torna agente de capacitação.

O pastor, que é o líder para transformação sob a guia do Espírito, necessita de uma visão do que Deus pode fazer na igreja e por meio dela. Ele não deveria trabalhar como um “cavaleiro solitário” ou administrador, mas como um pastor capacitador. O pastor que trabalha segundo o modelo “cavaleiro solitário”, ou gerenciador, não será capaz de prover a visão e liderança voltadas para o crescimento da igreja local. O modelo *katartismos* tem sua base não apenas no ministério de Jesus e Paulo, mas também na experiência de Moisés (Êxodo 18) designando líderes para grupos de dez, cem, mil. A ideia por trás desse conceito é simples: pastores apascentam a ovelha individualmente, enquanto pastores capacitadores cuidam daqueles que apascentam as ovelhas.⁵

Embora isso seja verdade, devemos nos lembrar de que Jesus não participou do ministério individual sem a presença de Seus discípulos. Assim, haverá ocasiões em que o pastor estará engajado no ministério individual. Entretanto, a mentalidade prevalecente em muitas igrejas é que o pastor deve cumprir sozinho as obrigações do ministério, especialmente visitação e estudos bíblicos. A expectativa de que o pastor seja o único conquistador de pessoas para a igreja é antibíblica e contraproducente. Porém, essa mentalidade está profundamente enraizada. Enquanto o pastor leva as ovelhas aos pastos verdejantes, uma ovelha deve ajudar outra ovelha.

Quando o pastor capacita os membros, a igreja se torna um centro de treinamento para o ministério.⁶ Desse modo, eles serão efetivos em favor dos membros do corpo de Cristo, utilizando seus dons espirituais e levando-os à maturidade (Ef 4:14), espiritualidade (v. 15) e unidade (v. 16).

A visão, capacidade missionária e efetividade evangelística da con-

gregação crescem ou diminuem de acordo com a liderança. Líderes ineficientes são iguais a ministérios ineficientes. Em duas igrejas que pastoreei, havia anciãos que tinham estado na liderança durante muitos anos. Eles eram homens bons, cujas ideias tinham acabado. Dei-lhes oportunidade, confiei neles e valorizei a liderança deles, mas percebi que necessitava formar novos líderes. Assim, a comissão de nomeações indicou dois novos anciãos. Eram jovens que amavam o Senhor e Sua causa. Reuni-me regularmente com eles durante alguns meses, treinei-os e designei a eles funções nas quais eles cuidariam de novos ministérios.

Multiplicando ministérios

A Bíblia é um “livro de mensagem” e um “livro de método”.⁷ Ao investir Sua vida em doze discípulos, especialmente em três deles (Pedro, Tiago e João), Jesus nos deu o método de produzir um ministério frutífero.⁸

Assim, pastores *katartismos* reúnem algumas pessoas, ensinam e treinam essas pessoas, durante um ano, a fim de que se tornem obreiros efetivos para o Senhor. Também podem ter um grupo de liderança e discipulado ao qual podem treinar. Com oração, o pastor seleciona o grupo de discipulado, depois de consultar anciãos e membros da comissão da igreja. Muitos desses podem participar do treinamento desse grupo.

Semanalmente, o pastor se reúne com o grupo, para orar, estudar a Bíblia, desfrutar comunhão e compartilhar claramente a visão do discipulado. Depois de um ano, cada pessoa do grupo se unirá a outras duas pessoas, formando uma tríade no discipulado. Depois de dois anos, aqueles que foram treinados continuam estabelecendo novas tríades. O pastor supervisiona todas as tríades; continua a se reunir com o grupo original, talvez trimestralmente. Então, o grupo aumenta à medida que as tríades ou grupos de discipulado se alteram em três ou quatro anos.⁹

O propósito desses grupos ou tríades é a transformação da igreja em uma eficaz agência de capacitação missionária, inspirá-la e motivá-la a cumprir a ordem do Mestre: “Vão e façam discípulos” (Mt 28:19).

Além disso, nessa estrutura de discipulado, a grande comissão e o grande privilégio serão cumpridos. A grande comissão é a ordem de Cristo: “Vão e façam discípulos.” O grande privilégio é Seu mandado para cuidar das ovelhas: “Pastoreie as Minhas ovelhas” (Jo 21:16). A grande comissão nos chama a fazer discípulos. O privilégio nos chama a cuidar dos discípulos.¹⁰ Ambos devem ser conduzidos no contexto de viver, experimentar e proclamar o evangelho eterno (Ap 14:6-12).

Colhemos o que semeamos. Se apenas semeamos métodos que resultam em instrução, mas não em transformação, veremos pobres resultados entre nosso povo. Capacitar é algo mais que preparar cada sábado e ensinar a Bíblia durante a semana. Inclui a aplicação do que pregamos e ensinamos, bem como transformação, à nossa vida e na vida das pessoas entre as quais ministramos.

Como pastores, devemos deixar de ministrar sozinhos. O ministério pertence a todo o povo de Deus. ■

Referências:

- Francis Foulkes, *Ephesians*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989), p. 128.
- De acordo com muitos eruditos, esse é um *locus classicus* que aponta a coerência da origem, ordem e destino da igreja.
- H. W. Hoehner, *Ephesians: An Exegetical Commentary*, (Grand Rapids, MI, Baker, 2002), p. 547-551.
- Martin Kitchen, *Ephesians: New Testament Readings a Few at Time* (Londres: Routledge, 1994), p. 119.
- Joel Comiskey, *Leadership Explosion* (Houston: Touch Publications, 2000), p. 106.
- Russell Burrill, *Revolution in the Church: Unleashing the Awesome Power of Lay Ministry* (Falbrook, CA: Hart Research Center, 1993), p. 29.
- Greg Ogden, *Transforming Discipleship: Make Disciples a Few at Time* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003), p. 60.
- Robert Coleman, *The Master Plan of Discipleship* (Old Tappan, NJ: Revell, 1963), p. 117.
- Greg Ogden, *Op. Cit.*
- Melvin J. Steinbron, *The Lay Driven Church* (Ventura, CA: Reag, 1997), p. 67.



Professor de Teologia, pastor adventista em Chipre

Intenção ou predeterminação?

“Aqueles que de antemão conheceu, também os destinou para serem conformes à imagem de Seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos”

Pensando em me convencer usando de passagens como Romanos 8:29; Atos 4:28; 1 Coríntios 2:7; Efésios 1:5-12, um amigo me perguntou: “Você crê na predestinação?” Evidentemente, ele não conseguiu.

Minha descrença nessa doutrina é primariamente filosófica. Se Deus, por meio de decisão soberana, predestina alguns para salvação e outros para condenação, seguramente Ele é a última fonte de pecado e sofrimento. Além disso, se uma pessoa crê que o inferno consiste no tormento eterno, o problema é ainda mais complexo: Deus considera culpados aqueles que não tiveram escolha, pune-os desproporcionalmente aos pecados cometidos e sobre os quais não tiveram escolha.

Entretanto, sou professor de Bíblia, e trabalho primariamente com o

texto. Ao ser confrontado com passagens como Romanos 8:29, 30, tenho que colocar de lado minha perspectiva filosófica, encarar diretamente o texto e, examinando vocabulário, sintaxe e contexto, tentar determinar seu verdadeiro significado.

Grego moderno

A palavra traduzida como “predestinou”, nesse texto, é o verbo grego *proorizó*, palavra composta da preposição *pro* (antes) e o verbo *orizó* (decretar, decidir, determinar). O substantivo cognato *proorismos* não aparece na Bíblia, mas será brevemente discutido, pois essa palavra é relevante. Etimologicamente, nenhuma dessas palavras denota predestinação, conforme compreendida por Calvino, Agostinho e seus seguidores. O foco é intenção, não resultado.

As duas palavras são muito comuns no grego moderno. O uso do verbo *proorizó* está relacionado ao planejamento que os pais fazem para os filhos.¹ Por exemplo, os pais podem querer que o filho seja médico. Para facilitar esse objetivo, eles podem enviá-lo às melhores escolas, investir dinheiro, limitar o tempo livre ou a interação social do filho. Nesse caso, os gregos diriam que os pais estão *proorizó* o filho para ser médico. Essa é a intenção deles. Mas, apesar disso, não há garantia de que o filho se torne médico. Ele pode descobrir que não tem perseverança para alcançar o alvo, ou que não tem vocação para essa carreira.

A força do substantivo é similar. Primariamente, essa palavra aponta o destino de uma jornada.² Se uma pessoa viajar do ponto “A” ao ponto “B”, esse último ponto será seu

proorismos, seu destino. Estabelecido o destino, a pessoa pode ter toda intenção de alcançá-lo, mas uma série de razões pode impossibilitar isso: mudanças imprevistas de planos, pane no veículo, ou acidente, entre outras. Nem o verbo *proorizó* nem o substantivo *proorismos* têm o significado proposto pela doutrina calvinista de predestinação. Isso pode explicar a existência de poucos adeptos dessa doutrina na Grécia, mesmo entre organismos eclesiais.

Mas, em que medida podemos usar o grego moderno para compreender o grego bíblico? Primeiramente, *proorizó* e *proorismos* quase não existem na literatura antiga. Então, devemos observar seu uso em tempos mais modernos; ademais, o grego contemporâneo é um cognato próximo do grego bíblico. Em segundo lugar, embora a linguagem grega tenha evoluído ao longo dos séculos, em sintaxe e gramática, o vocabulário tem sido o aspecto menos afetado do idioma. O grego moderno usa muito do mesmo vocabulário do grego bíblico e com muito do mesmo significado.

Grego antigo

Por mais que seja utilizado, não precisamos nos limitar ao grego moderno. O grego clássico coincide com o que foi mencionado. No grego secular, nos escritos do médico Hipócrates, encontramos o uso de *proorismos* para descrever o resultado desejado na administração de medicamento.³

Muitos casos de uso nos escritos dos pais gregos também indicam intenção. Orígenes nota que o convite do evangelho é o começo, não o destino (*proorismos*), da caminhada cristã.⁴ Semelhantemente, Anastácio explica que se houvesse predestinação absoluta (*propepégmenos kai ametathétos proorismos*), a pessoa que adoecesse não poderia buscar médicos nem cura.⁵ O próprio fato de ele usar as palavras *propepégmenos kai ametathétos* (preestabelecido, prescrito, irrevogável) para qualificar a

palavra *proorismos* indica que, para eles e seus leitores, essa palavra, sozinha, não transmite a essência da predestinação.

João Damasceno liga *proorismos* à vontade e onisciência de Deus,⁶ notando especificamente que Deus “não imporá o mal nem forçará a virtude ou bondade”.⁷ Isso implica que a *proorismos* divina não é absoluta, mas permite a escolha humana. Metódio I usou *proorizó* com a frase *proaireseós anthrópineés*, significando “vontade humana, desejo, escolha”. O fato de que a vontade, o desejo, ou escolha humana envolva *proorismos* divina indica que não há predestinação absoluta em vista.

Assim, podemos ver que o significado de *proorizó* e *proorismos* tem permanecido constante no grego, desde os tempos clássicos ao moderno, e que a ênfase é sobre intenção, não resultado irrevogável. Como veremos, a sintaxe também aponta na mesma direção.

“Deus nos persegue com a Sua graça, procura-nos. Ele fez, faz e fará tudo para nossa salvação”

Sintaxe de intenção

Igualmente importante para o vocabulário é a sintaxe. No grego bíblico, quando verbos de conhecimento ou vontade, como *proorizó*, aparecem no aoristo ou tempos perfeitos, costumeiramente são acompanhados por um infinitivo (Mt 13:17; Lc 15:16; At 4:28; 21:25; 27:1; 1Co 7:31; 2Co 2:1; Tt 3:12).

No grego clássico e no bíblico o infinitivo habitualmente é usado para indicar intenção ou resultado.⁸ Embora a noção de resultado possa sugerir que a predestinação esteja em vista, não é esse o caso. Quando a ação em vista ainda está no futuro, o infinitivo designa resultado *intencional*.⁹ No desenvolvimento da

linguagem grega, o uso do infinitivo diminuiu aos poucos, e os verbos de volição começam a exigir um subjuntivo. O subjuntivo é um modo verbal de potencialidade em contraste com o indicativo, que estabelece mais solidamente a realidade.

Que essa potencialidade é o acompanhamento mais natural para verbos de volição, é evidente por si mesma. Quando digo que decidi fazer ou querer algo, a implicação é para que a decisão, ou desejo, embora firmemente estabelecida na mente, ainda deve esperar a realização prática.

Na transição do grego clássico para o bíblico, o infinitivo algumas vezes foi substituído por uma frase preposicional. Com respeito ao uso de *proorizó* no Novo Testamento, vemos por quatro vezes o verbo acompanhado por uma frase preposicional. Em Romanos 8:29, *proorizó* é seguido por *eis to einai outon* (“para serem conformes”); em 1 Coríntios 2:7, *eis doxan émón* (“para nossa glória”); em Efésios 1:5, *eis huiiothesian* (“para a adoção”); nos versos 11 e 12, *eis to einai émas* (“a fim de sermos”). A preposição *eis* pode indicar movimento geográfico ou cronológico, ou intento.¹⁰ Considerando que *proorizó* não trata com tempo nem geografia, as duas primeiras opções estão fora. O único uso cabível da preposição *eis* é intento. Além disso, em Romanos 8:29 e Efésios 1:11, 12, onde temos a frase preposicional, também temos o infinitivo *einai* (“ser”). Como já vimos, infinitivos indicam resultados *pretendidos*.

Concluimos que a sintaxe do verbo *proorizó* no Novo Testamento indica intenção divina, tanto por meio do uso do infinitivo (*proorizó*) como por meio da utilização de frases prepositivas que indicam intenção.

Contexto

Atos 4:28 relata as palavras dos crentes depois que Pedro e João foram libertados da prisão. À primeira vista, parece que os sofrimentos de Jesus nas mãos de judeus e gentios foi predestinado: “Fizeram o que o

Teu poder e a Tua vontade haviam decidido de antemão [*proórisen*] que acontecesse.” Porém, logo depois, os crentes pedem que o Senhor os proteja: “Agora, Senhor, considera as ameaças deles e capacita os Teus servos para anunciarem a Tua palavra corajosamente” (v. 29).

Por que pedir proteção ao Senhor, se tudo havia sido predestinado? Esse pedido só faz sentido no contexto do conflito entre o bem e o mal. Os discípulos sabiam que podiam vencer, somente se o Senhor interferisse em favor deles.

“Apesar dos esforços de Deus, alguns escolherão se perder”

Em 1 Coríntios 2:1-10, Paulo explica que, quando foi a Corinto, ele “foi com fraqueza, temor e com muito tremor” (v. 3), possivelmente por causa do relativo fracasso em Atenas, onde havia estado antes, ou por causa da reputação de Corinto. Nesse contexto, Paulo “decidiu” (*ekrina*) nada saber, senão Cristo “e Este crucificado” (v. 2) Por que temer e tremer, se tudo havia sido predestinado? Como Paulo podia “decidir” o que pregar, se tudo havia sido predestinado?

Aqui, o verbo *proórisen* se aplica à “sabedoria de Deus... mistério que estava oculto” (v. 7), o plano da salvação realizado em Cristo e Sua morte na cruz. Teria sido o sacrifício de Cristo predestinado? Deveríamos pensar muito antes de responder afirmativamente. Se assim fosse, o sacrifício de Jesus teria feito a tentação de Satanás no deserto (Mt 4:9), a provocação feita pelo ladrão na cruz (Lc 23:39) e até mesmo o pedido dEle no Getsêmani (Mt 26:39) parecer sem sentido.

Porém, se compreendemos *proorizó* como referente à intenção, ao plano de Deus para a salvação da humanidade, então as palavras de

Cristo adquirem extraordinária profundidade, refletindo Seu inflexível compromisso pela salvação do homem. Ele concordou com o plano, ao ser este estabelecido antes da fundação do mundo (Ap 13:8). No Getsêmani, como homem, no momento de maior fraqueza, Ele prontamente Se submeteu ao plano da salvação. Cristo não foi obrigado a morrer pela humanidade, como escravo de soberana predestinação. Voluntariamente, Ele Se entregou para ser crucificado.

Em Romanos 8:29, Deus *proórisen* crentes “para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos”. As palavras “para serem conformes” contêm o elemento de potencialidade. As palavras “a fim de que Ele seja”, traduzidas do grego *eis to einai*, indicam intenção ou propósito.

Além disso, os propósitos de Deus estão voltados para “aqueles que de antemão conheceu”, indicando que Seus planos têm como fundamento não a soberania arbitrária, mas o conhecimento íntimo dos seres humanos e sua resposta ao evangelho. Tudo isso fala dos planos e propósitos de Deus. Embora, em Romanos 8:30, haja uma forte garantia de que o plano de Deus será realidade para os cristãos comprometidos, a implícita linguagem de intento e potencialidade indica que não se trata de predestinação nos termos calvinistas. Apenas a ação da vontade de Deus no coração de todos os que a Ele respondem.

Finalmente, em Efésios 1:5-12, Paulo diz que, em Cristo, Deus *proorizas* crentes para receber o dom da salvação. Esse dom é oferecido *kata prothesin*, “conforme o bom propósito”, não de acordo com uma decisão arbitrária. A passagem está cheia de frases infinitivas e preposicionais, que ressaltam a intenção e os propósitos de Deus.

Aceitar ou rejeitar

Temos visto o vocabulário, a sintaxe e o contexto de passagens ci-

tadas para apoiar a predestinação. Vocabulário, sintaxe e contexto enfatizam intenção e propósito, não resultado predestinado.

Os adeptos dessa doutrina podem argumentar que, na esfera de Deus, intenção e propósito são iguais a resultado, porque Ele é soberano e onipotente, e que Sua vontade sempre será realizada. Porém, essa perspectiva é teológico-filosófica, não exegética, pois a exegese de vocabulário, sintaxe e contexto enfatizam a intenção.

Nesse estudo, vemos um Deus que, à semelhança de um pai amoroso, faz toda provisão para a salvação dos seres humanos por Ele criados. Ele nos persegue com Sua graça, repreende-nos para nos restaurar, procura-nos, mesmo quando nos afastamos dEle, capacita-nos a trilhar o caminho da fé. Ele fez, faz e fará tudo para nossa salvação.

Porém, além dos Seus melhores esforços, nós devemos definir se o plano de salvação será realidade em nossa vida. Ele jamais nos impõe Sua vontade. Isso nos leva à triste realidade de que, embora Deus queira salvar todos (2Pe 3:9) e Cristo tenha morrido para salvar todos (Jo 1:29), nem todos serão salvos. Alguns se perderão, por sua livre escolha. Esse é nosso amoroso Deus. ▀

Referências:

- ¹ Greek Dictionary, s.v. “destine”; “ordain”; <http://www.greek-dictionary.org/translate-english>; www.kypros.org/cgi-bin/lexicon; acessados em 02/09/2013.
- ² www.wordreference.com/gren/%CF%80%CF%81%CE%BF%CF%81%CE%B9%CF%83%CE%BC%CE%BF%CF%82, acessado em 02/09/2013.
- ³ Hippocrates, *Praeceptiones* 3.2.
- ⁴ Origen, *Philocaliasive Elogia de operibus Origenis a Basilio et Gregorio Nazianzeno facta*, 25.2.5.
- ⁵ Anastasius, *Questiones et responsiones*, 16.1.12; cf 16.4.32.
- ⁶ Joannes Damascenus, *Expositio fidei*, 9.19.
- ⁷ Ibid.
- ⁸ A. B. Moumtzakakis, *Syntatikotes Archaia Ellenikes* (Atenas, Grécia: Organismos Ekloeseon Didaktikon Vivlian, 2007), p. 84.
- ⁹ F. Blass and A. Debrunner, *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Cambridge, ING: University Press, 1961), p. 196.
- ¹⁰ A. B. Moumtzakakis, *Op. Cit.*, p. 185.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews

O prego e o jumento

Fuja da tentação de roubar a honra que pertence a Cristo

O evangelista Glenn Conn inicia seu livro *The ABC's of Bible Prayer* (O ABC da Oração Bíblica) com as seguintes palavras, escritas por Mildred Hill:

“Senhor, faze de mim um prego bem preso na parede. E nessa coisa tão comum e tão pequena, pendura um quadro de Tua face, para que os viajantes cansados da jornada possam fazer uma pausa a fim de contemplá-lo. Então, em cada face radiante fique gravada, de tal modo que nada consiga apagar, a imagem de Tua glória e Tua graça. Senhor, não permitas que ninguém pense em mim. Que eu seja, apenas, um prego na parede, mostrando a Tua face.”¹

Essa é uma bela mensagem. Porém, a grande tentação no ministério pastoral é fazer de Jesus o prego na parede, e de nós, pastores, o quadro.

O dilema de Barth

Ao completar 80 anos, o teólogo Karl Barth mexia-se na cadeira, enquanto ouvia uma pessoa após outra esbanjar elogios a ele por todas as suas conquistas. O palavreado cau-

sava em Barth sensação dupla: Uma, de gratidão; outra, de alarme. Ele havia experimentado a mesma sensação nas últimas semanas anteriores, quando seu nome apareceu em jornais de todo o mundo. Na véspera de seu aniversário, ele foi saudado como o maior teólogo do século 20, e foi comparado aos pais da igreja.²

Finalmente, quando chegou a vez de falar, naquela celebração, ele expôs a razão do seu espanto. Ele tinha consigo uma cópia de sua obra *Epistles to the Romans*. No início do livro, havia uma dedicatória que ele havia feito para si mesmo: “De Karl Barth para seu caro amigo Karl Barth.”³ O que se seguia eram algumas frases do volume 63 de *Martin Luther's Works*:

“Se você pensa que é invulnerável, tem essa opinião e se deleita com seus livros, sermões e seus escritos; se você pensa que tem brilhantismo e prega esplendidamente, se lhe agrada ser louvado por outros; sim, se você quer ser elogiado a fim de não se entristecer e desistir, então, meu amigo, se você é suficientemente homem, coloque as mãos nos ouvidos e

encontrará um lindo par de grandes, longas e toscas orelhas de jumento. Não poupe o custo de decorá-las com sinos dourados, para que, aonde quer que for, possa ouvir as pessoas dizendo: ‘Olhem! Olhem! Ali vai um homem esplêndido, que prega maravilhosos sermões e escreve livros extraordinários!’”⁴

Orelhas de jumento

Refletindo sobre essa parte do discurso de Barth, Brian Williams ressalta que Lutero e Barth conheciam a tentação que nós, pastores, temos de atrair a atenção das pessoas para nós mesmos.⁵ Fazer de Jesus um prego que sustente nossa imagem, ou como disse Lutero, decorar nossas orelhas de jumento com sinos dourados, para que as pessoas nos percebam, é uma das maiores ciladas.⁶

Essa tentação é ressaltada durante reuniões de pastores, por exemplo, quando começamos a propagandear os batismos que realizamos. Enfatizar o número dos nossos feitos alimenta o desejo pecaminoso de nos compararmos com outros, e

nossa compulsão humana é dizer: “Olhem para mim!”

Deus não nos chamou para competir com outras igrejas nem outros pastores. Deus nos chamou para que sejamos fiéis e frutíferos onde Ele nos colocar. Não é por acidente nem por acaso que você está onde está. Deus o colocou aí. Quer esteja em uma grande ou pequena igreja, seu papel é o mesmo: revelar Jesus às pessoas.

Muito frequentemente, ministros para nossa autoglorificação, não para a glória de Deus e a redenção daqueles cujo cuidado pastoral Ele nos confiou. Nosso anseio por glorificação própria nos leva, como apropriadamente declarou Paul Tripp, “a ser mais direcionados à posição do que à submissão”.⁷

O desejo de glorificação própria, muitas vezes, desperta em nós inveja do trabalho de outros. Vemo-nos como sendo mais dignos do que eles de pastorear grandes igrejas, ou ocupar funções no escritório da Associação. Assim, nos tornamos irados pelo fato de que eles conseguem o que, acreditamos, devia ser nosso. Em nossa inveja e ciúme, até mesmo começamos a questionar a imparcialidade e justiça de Deus. A inveja, não raramente, nos leva à amargura. Perdemos a motivação para fazer o que é certo, porque estamos mais interessados na posição do que na submissão.

“O foco na posição nos transformará em políticos, quando devemos ser pastores. Fará com que exijamos ser servidos, quando devemos querer servir. Contribuirá para que façamos aos outros o que não desejamos para nós mesmos. O foco na posição nos levará a buscar privilégios quando devemos estar prontos a renunciar direitos. Estaremos mais concentrados em como as coisas nos afetam do que com a maneira pela qual elas refletem a Cristo; buscaremos estabelecer nossa agenda, em vez de alegremente nos submetemos à agenda de Deus.”⁸

Celebridade

Pregar também pode alimentar nossa autoglorificação. “A pregação

pública apresenta contínua oportunidade para o pregador se mostrar. Em alguns casos, é como se ele dissesse: ‘Observem meus conhecimentos! Veja como impressiono vocês com o grego’, e também hebraico, ou com minha apresentação.”⁹ Richard Baxter aprofunda esse ponto:

“Quando o orgulho toma o sermão, ele nos acompanha ao púlpito, molda nossa entonação, impulsiona a apresentação, tira-nos daquilo que algumas vezes pode soar desagradável e nos leva a buscar aplausos inúteis. Em suma, isso nos leva a estudar e pregar a fim de glorificar a nós mesmos e negar a Deus, enquanto devemos negar a nós mesmos e glorificar a Deus.”¹⁰

Satanás pode usar o ministério para instilar em nós um ridículo desejo pelo *status* de celebridade que pode viciar.¹¹ Nesse ponto, ficamos à porta da igreja, no fim do sermão, esperando ouvir o louvor e a adulação das pessoas, enquanto as despedimos. Aliás, esse desejo também pode se manifestar por meio do receio de que o pastor associado, ancião da igreja, ou mesmo outro membro da igreja preguem, porque eles podem fazer isso tão bem ou até melhor do que nós. Em vez de utilizarmos o dom dessas pessoas para a glória de Deus, receamos que elas nos superem.

Na verdade, não é apenas na pregação que o desejo de fama nos leva a diminuir e sufocar os dons de outros colaboradores. Às vezes nos recusamos a delegar tarefas, porque o orgulho não nos permite usar os dons espirituais das pessoas. É preciso humildade para buscar, afirmar e utilizar os dons existentes na congregação e compreender o ministério não como tarefa de uma pessoa, mas da comunidade cristã.

É muito sedutora a tentação de adornar as orelhas de jumento com um sino, talvez uma fita, depois sair a trotar em busca de aplausos. Tornamo-nos tão absortos nesse desfile que nos esquecemos de que o ministério não é centralizado em nós, mas

em Cristo. É apenas para Ele e para que as pessoas O vejam.¹²

Novamente Barth

No fim de seu discurso, Barth comparou sua vida e seu ministério ao de outro jumento, utilizando-o como metáfora do ministério:

“A Bíblia mencionou um jumento de verdade; um ao qual foi permitido carregar Jesus para Jerusalém. Se eu tiver feito qualquer coisa de mim mesmo, nesta vida, fiz isso como parente daquele jumento que trilhou seu caminho levando uma importante carga. Os discípulos haviam dito ao proprietário daquele jumento: ‘O Senhor necessita dele.’ Então, parece-me que Deus Se agradou de me usar neste tempo, apesar de mim mesmo, apesar de todas as coisas desagradáveis que possam ser ditas corretamente a meu respeito. Assim, fui usado... Foi-me permitido ser o jumento da preciosa carga.”¹³

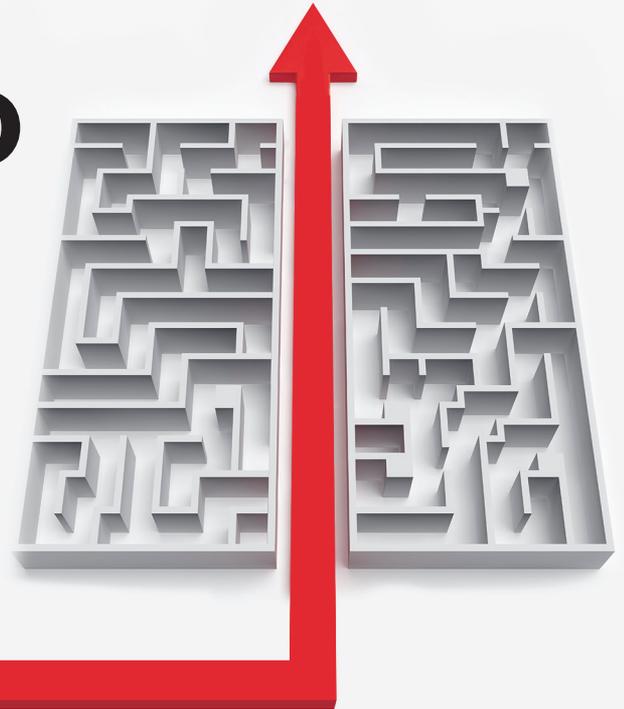
Quem de nós será suficientemente bom para carregar o Messias, por entre ruas, caminhos, valados, grandes e pequenas cidades, igrejas, a fim de que Ele, não nós, seja visto? Que Deus nos ajude em nosso ministério, a chegar ao ponto em que nosso maior desejo seja ser um prego sustentando um quadro de Jesus, ou um jumento que simplesmente O carrega pelas ruas! ▀

Referências:

- ¹ Glenn Coon, *The ABC's of Bible Prayer* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1972), p. 1.
- ² Karl Barth, *Fragments Grave and Gray* (Londres: Collins, 1971), p. 111, 112.
- ³ *Ibid.*
- ⁴ *Ibid.*
- ⁵ Brian Williams, *The Potter's Rib: Mentoring for Pastoral Formation* (Vancouver: Regent College Publishing, 2005), p. 169.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ Paul Tripp, *The Gospel Coalition* (blog), <http://thegospelcoalition.org/blogs/tgc/2012/12/09/5-more-signs-you-glorify-yourself/>. Acessado em 15/02/2013.
- ⁸ *Ibid.*
- ⁹ Peter Mead, <http://biblicalpreaching.net/2011/06/24/preaching-and-pride-a-deadly-terrain/>. Acessado em 24/06/2011.
- ¹⁰ Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (Glasgow: William Collins, 1829), p. 209.
- ¹¹ Peter Mead, *Op. cit.*
- ¹² Brian Williams, *Op. cit.*, p. 169.
- ¹³ Karl Barth, *Op. cit.*, p. 116, 117.



Um caminho sem atalhos



Em termos de salvação, o progresso científico e tecnológico não é a melhor alternativa, muito menos as mudanças sociais, culturais e conceituais do mundo

Thomas Oden, que durante muito tempo lecionou Teologia e Ética na Universidade de Drew, escreveu, durante anos seguidos, uma série de livros nos quais elaborou e defendeu o que chamou de “a última teoria e prática” – supostamente bem-sucedida, atual, na melhor tradição do liberalismo; mas, apesar disso, ele permaneceu insatisfeito. Então, recentemente, Oden mudou drasticamente a direção do seu pensamento e escreveu um volume intitulado *Agenda de Teologia*. Nele, o teólogo fala de um sonho do qual a única cena de que se recorda teria acontecido em um suposto cemitério da Nova Terra.

Enquanto vagava entre as alamedas do tal cemitério, ele accidental-

mente tropeçou na própria lápide. Naturalmente, parou a fim de ler o epitáfio que dizia o seguinte: “Ele não fez nenhuma contribuição à nova teologia.” Isso não parece cortês nem recompensador, especialmente para alguém que pretende oferecer novas contribuições para essa área de conhecimento. Então, surpreendentemente, Oden relata não estar frustrado pela avaliação final de seu trabalho, porém se diz extremamente convencido de que a última coisa de que precisamos é “melhorias”, enfeites, ou acréscimos aos ensinamentos apostólicos fundamentais. Precisamos, sim, do evangelho simples de Jesus Cristo, mantido intacto e corretamente explicado em nosso tempo e em todas as épocas.

A surpresa de Paulo

Preservar a integridade do evangelho nunca foi tarefa fácil, mesmo no primeiro século do cristianismo. “Estou surpreso”, escreveu Paulo aos gálatas, desapontado e sem mencionar nenhuma das frases elogiosas que marcam suas outras epístolas. “Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguir outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!” (Gl 1:6-9).

Amaldiçoado? Entregue definitivamente à ira de Deus? Palavras fortes essas, repetidas duas vezes para enfatizar o pensamento, e claramente adequadas a uma situação marcada pelo mais grave perigo. A linguagem de perverter o evangelho é forte, o que também sugere que “ajustes” equivocados a ele acrescentados não são meros sintonizadores, mas uma transformação do evangelho em seu oposto. Alguma coisa estava desviando os conversos do apóstolo de suas primeiras crenças para um caminho que colocaria em risco a salvação deles.

Paulo não expõe novamente o conteúdo do evangelho, apenas se refere de passagem à ressurreição de Jesus (v. 1) e, em seguida, fala particularmente de Seu sacrifício, por meio do qual Ele se entregou pelos nossos pecados, a fim de nos libertar do presente século (v. 4). Provavelmente, essa seja uma das primeiras citações do Novo Testamento sobre o significado da morte de Jesus. Ele morreu pelos nossos pecados. Jesus nos liberta dos poderes que tão facilmente nos escravizam nesta vida. Essas são alegações tremendas, que envolvem conclusões nada agradáveis sobre nós e o mundo.

Contudo, o apóstolo não fez rodeios. Obviamente, ele presumia que os cristãos gálatas soubessem perfeitamente do que ele estava falando. Afinal, Paulo nunca foi de medir palavras. Certamente, ele havia pregado de maneira clara e poderosa aos gálatas a respeito do impressionante fato de que Cristo fez por nós o que não poderíamos fazer por nós mesmos. Na cruz, Ele lidou com duas coisas: tanto com nossos pecados, como com os poderes espirituais que nos aprisionam, tornando visível, na ressurreição, Sua vitória. Curiosamente, Gálatas 1:1 é o único texto, nessa epístola, em que Paulo menciona a ressurreição. Sua ênfase está na cruz.

Pelo caminho da cruz, Deus definitivamente invadiu nosso mundo. Sobre a cruz, de maneira surpreendente, Deus endireita as coisas e liberta a humanidade cativa. Paulo não explica a maneira pela qual isso acontece, mas simplesmente nos assegura de que assim é. Então, ele usou o restante da epístola para contrastar a suficiência do que Jesus fez e nos oferece absolutamente pela graça, com a insuficiência do que procuramos fazer por nós mesmos, especialmente nossos esforços para obter justiça por meio da obediência à lei.

Paulo não entendia por que alguém abandonaria tudo isso. Por que alguém deixaria Deus, que nos chamou pela graça de Cristo, e buscaria um “evangelho” diferente. Por quê? Consideremos pelo menos quatro opções possíveis: 1) Seria um processo fácil demais; 2) seria muito difícil, complexo (para não dizer completamente improvável); 3) não é suficiente; 4) deve haver uma alternativa melhor de salvação, mais atual, científica, talvez uma abordagem culturalmente mais apropriada do que algo assim tão primitivo e violento como uma cruz.

Muito fácil

Aqueles que incomodavam os gálatas, à semelhança de muitos do mundo antigo e de alguns, hoje, es-

tavam particularmente preocupados com a primeira opção: o evangelho é muito fácil. Isso torna desnecessárias as leis cerimoniais, ou pior que isso, fatalmente equivocadas. Os oponentes de Paulo que, presumivelmente, eram judeus comprometidos com sua herança, sentiam que a substituição da lei pela graça era uma forma de nos tornar justos diante de Deus, assim como também nos sentiríamos se algum reformador procurasse estabelecer a justiça em nossa sociedade, jogando fora os livros das leis e abrindo as portas das prisões. “É uma loucura! Se as pessoas não são obrigadas por lei a defender certos padrões religiosos, tudo vai se desmoronar”, eles pensavam. Suspeitavam de que Paulo estivesse pregando uma doutrina *light*, com o objetivo de ganhar popularidade (v. 10).

Não apenas os judeus argumentaram contra a graça nesses termos. Pagãos devotos, à semelhança de Celso, no segundo século d.C., ficaram intrigados com uma religião que não exige pureza, mas acolhe e perdoa o corrupto. Celso afirmou: “‘Todo aquele que é pecador, dizem eles, todo aquele que é insensato, aquele que é uma criança, e, em uma palavra, que é um desgraçado, o reino de Deus vai receber.’ E lá se vai todo mundo [ironicamente comenta Martin Marty, historiador da Igreja].”¹ Ou, considere o argumento do poeta W. H. Auden: “‘Todo bandido vai argumentar: ‘Eu gosto de cometer crimes. Deus gosta de perdoá-los. Realmente o mundo é admiravelmente organizado.’”² É muito fácil.

Muito complexo

Mas, para outro grupo de pessoas, o fato de que somos salvos somente pela graça faz com que o evangelho pareça muito intrincado e pessimista. São pessoas às quais foi ensinado que os seres humanos são essencialmente bons e que a maioria de seus problemas é decorrente do fato de eles pensarem muito em si mesmos, seja por causa dos genes corrompidos, do ambiente que precocemente nos ma-

cula, ou de uma série de problemas dos quais, afinal, não são culpados. Tais pessoas se sentem ofendidas só em pensar que seus pecados são terrivelmente abomináveis, que unicamente a morte de Jesus Cristo poderia constituir a solução para seu caso. Afinal, o que uma morte injusta e sangrenta tem que ver com isso? Talvez, elas também precisem desesperadamente se sentir no comando da própria vida, e ficam irritadas ou assustadas pelo montante de confiança e desarticulação dos padrões do mundo que a fé exige.

Precisamos nos lembrar de que a cada instante somos tentados a nos comportar e agir segundo o que outros fazem ou de acordo com o que a cultura nos impõe. Mesmo a fim de nos libertar de nós mesmos e “do mal da presente era” que soa desejável, necessitamos ter bem definida nossa profundidade de corrupção (numa época em que a autoestima é apresentada como panaceia popular que cura todos os males). As pessoas devem fazer uma análise bastante criteriosa das recompensas transitórias do mundo, em uma cultura que apresenta os prazeres como o máximo da satisfação. “Perder a própria vida a fim de salvá-la” nunca soou atraente.

Viver a vida não como servo, mas como mestre, parece muito mais apelativo. Que essa autossuficiência orgulhosa pode e, de fato, deve ser conquistada – por intermédio deste ou daquele plano de investimento, programa de saúde mental, da busca educacional, física ou da disciplina espiritual – é um dos evangelhos alternativos proclamados em nossos dias. “Assuma o controle de seu futuro: torne-se o comandante absoluto de sua própria vida”, proclamam as propagandas midiáticas.

Além disso, o processo parece completamente improvável: um Deus que morre em nosso lugar, de forma humilhante, ressuscita, e por esses meios torna possível nossa salvação? Acaso será verdadeiro esse conceito? Isso não deixa margem para que os chamados neoateus lancem

dúvidas no cenário. Seus argumentos, como frequentemente têm sido observados, em nada diferem dos antigos ateus. Na verdade, o próprio apóstolo Paulo foi muito claro ao dizer que o evangelho era ofensa para os judeus, e loucura para os gentios. Essas objeções não são nada surpreendentes nem atuais. A única coisa surpreendente é o que o Senhor fez por nós, e depois, o que pede de nós. Isso é complexo e intrincado.

“O evangelho permanece atual em relação à abordagem de sentido perene que tem o ser humano”

Não é suficiente

Depois, há aqueles que não estão incomodados quanto a saber se o evangelho torna as coisas muito difíceis ou muito fáceis. Incomodam-se com a questão de ele poder não ser suficiente, ou seja, para satisfazer sua curiosidade, responder a diversas perguntas ou lidar com certas ocupações pessoais. Ultimamente, tem sido comum observar, entre alguns eruditos, até mesmo entre escritores mais populares, a argumentação segundo a qual considerando que a História, incluindo a bíblica, tem sido escrita pelos vencedores das guerras culturais relevantes, nós precisaríamos dos evangelhos apócrifos e de todos os outros tipos de textos antigos para entender o que realmente estava acontecendo.

Veja-se, por exemplo, a imensa popularidade de uma peça de ficção como *O Código Da Vinci*. Na visão deles, a Bíblia é somente mais um livro que não detém autoridade absoluta. Bem, tantas coisas são obscuras para nós, e a Bíblia é, relativamente um livro tão pequeno, que alguns destes argumentos parecem razoáveis: Será que estamos perdendo algo essencial, alguma coisa que ainda nem ocorreu a nós? Não seria precipitado assumir um compromisso final com

Cristo, quando ainda permanece muito desconhecido?

Ou o que dizer das coisas que têm ocorrido a nós? E a respeito das questões éticas suscitadas pela ciência contemporânea, no sentido de que a Bíblia não aborda todas as coisas, como clonagem, engenharia genética, nanotecnologia e resíduos nucleares? Onde podemos encontrar diretrizes melhores que a simples retórica política? Que dizer sobre as preocupações específicas de mulheres e pessoas de etnias diferentes, que desejam ser tratadas de maneira justa e ter sua história e seus talentos levados a sério? O evangelho simplesmente não trata dessas questões. Então, de que maneira ele poderia ser suficiente?

Melhor alternativa?

Outra razão pela qual alguém pode se sentir atraído para outro evangelho é a convicção de que, considerando as muitas e grandes mudanças ocorridas no mundo, e o enorme progresso científico e tecnológico alcançado, certamente, devemos ter uma alternativa mais adequada para obter salvação, ou pelo menos desenganar a nós mesmos das velhas esperanças primitivas. Sejamos honestos: Influenciadas pelas conquistas do conhecimento humano, muitas pessoas têm transferido para a ciência a busca de satisfação para suas necessidades, em vez de buscar ajuda prática em Deus. Dependem mais dos médicos do que da oração em favor da cura; dependem mais da irrigação do que da providência divina para o êxito na agricultura. Quando em busca de proteção contra inimigos, dependem mais da tecnologia militar do que da confiança num exército de anjos.

O grande problema é que todas as realizações e conquistas humanas, por maiores e mais sedutoras que sejam, não solucionam nosso problema básico. Almejamos um mundo que nos reconheça, no qual tudo o que fazemos e somos seja valorizado. Sem isso, estaremos inquietos e

insatisfeitos, independentemente de quão confortável e segura conseguimos tornar nossa vida. Em nosso íntimo, também suspeitamos de que nosso desconforto interno decorra do fracasso de nossas tentativas de corrigir nossos erros e fraquezas por meio de nossa própria força. Por mais que renovemos a decisão de nunca mais proferir uma palavra que fira nosso semelhante, ou praticar um ato censurável, eventualmente os repetimos.

No âmbito mais amplo, a violência aumenta, os conflitos e os horrores de guerras ainda continuam. Mesmo quando as conquistas são reais, o falso evangelho do progresso jamais pode responder por si mesmo à pergunta sobre qual é sua própria razão de ser. O progresso nos atrai, como o cântico da sereia, sem nunca nos dizer aonde a estrada nos leva – não raramente, a lugar nenhum. Além disso, o falso evangelho do progresso tem-se mostrado impotente para gerar transformação moral. Somos impotentes para nos tornarmos, por nós mesmos, verdadeiramente pessoas melhores. Em termos de salvação, o progresso científico e tecnológico não é a melhor alternativa, muito menos as mudanças sociais, culturais e conceituais do mundo.

Verdadeiro evangelho

Realmente, não importa se o evangelho é fácil ou difícil de ser entendido, se deixa de satisfazer todas as nossas curiosidades, ou se, para algumas pessoas, aparentemente não responde todas as questões contemporâneas. Não importa se ele continua se recusando a se submeter a nossos esforços para apresentá-lo desprovido de toda a sua nobreza, maquiado de pós-modernismo. O que realmente importa é que o evangelho é verdadeiro. Provavelmente, em alguns momentos, você tenha ficado perturbado com as objeções que despertei. Também fiquei. Mesmo assim, a verdade é que, no fim de tudo, a ajuda de que necessitamos vem exclusiva e unicamente de um

lugar: do Calvário. As outras alternativas repetidamente se mostram destinadas ao fracasso, deixando-nos entregues à nossa impotência moral e futilidade.

Não há outro evangelho – nenhuma outra boa notícia – além do que o evangelho personificado em Cristo, a boa-nova de que Ele viveu, morreu e ressuscitou para nos salvar do pecado, para nos tornar, finalmente, semelhantes a Ele, e para nos dar a sólida esperança de viver com Ele para sempre. Não há outro evangelho além da salvação pela graça de Jesus Cristo, o dom gratuito de Deus.

O evangelho é suficientemente simples para estar disponível ao mais vil, degradado e desamparado pecador, que reconhece não ter nenhuma justiça para oferecer a Deus, nenhuma esperança de se tornar melhor; na realidade, que sente nada poder fazer de si mesmo. O evangelho é suficientemente difícil para desafiar a pessoa mais bem-sucedida no que diz respeito ao controle de sua própria vida. É firme em seu requeri-

mento de que devemos servir em vez de buscar ser servidos, é claro no diagnóstico que faz de nossa pecaminosidade. O evangelho permanece atual, em relação à abordagem da necessidade que tem o ser humano de sentido perene, neste mundo que parece continuar seu curso em cega indiferença para com os temores e esperanças de seus ocupantes. O evangelho é completo quanto àquilo de que mais precisamos, tão completo que nada mais pode ser acrescentado à sua provisão para nossa salvação, conforme retratado em uma antiga melodia cristã:

“Eu não preciso de outro argumento.

“Eu não preciso de outro apelo.

“É suficiente que Jesus morreu

“E que Ele morreu por mim.”³ ❧

Referências:

¹ Citado em Martin Marty, *Context*, 15 de maio de 1988, p. 1.

² W. H. Auden, *For the Time Being* (Nova York: Random House, 1944).

³ Eliza E. Hewitt, “*My faith has found a resting place*”, 1891. Lidie H. Edmunds é pseudônimo para Eliza E. Hewitt.

Conta-me a velha história

**Conta-me a velha história, suave com dulçor;
De meu Jesus e Sua glória, de Cristo e Seu amor;
Com calma e com paciência, pois quero alcançar
A altura do mistério: que Deus me pode amar.**

Coro

**Conta-me a velha história,
Velha e feliz história!
Conta-me, pois, a história
Do meigo Salvador!**

**Fala-me com doçura do meigo Redentor,
De Seu amor e Sua graça, pois sou um pecador;
Sim, para o meu conforto, em tempos de aflição,
Repete a velha história de amor e salvação.**

**Se o brilho deste mundo toldar do Céu a luz,
Repete então a mesma história da graça de Jesus!
E quando, enfim, a glória do mundo além raiar,
Oh, conta a mesma história: que veio aqui salvar.**

Hinário Adventista, nº 58



Estudante de mestrado em Arqueologia Bíblica e do Oriente Médio, na Trinity Evangelical School

A didática divina e a nossa

O que podemos aprender da maneira pela qual Deus tem falado às pessoas desde os tempos antigos

Deus busca as pessoas onde elas estão. Esse é um princípio bíblico, não apenas aplicável ao evangelismo, mas também à interpretação bíblica. Ao comunicar Sua mensagem, Deus não a revelou de modo desconhecido para o público, mas de maneira que faça sentido para quem a recebe. O livro de Daniel demonstra a aplicação desse princípio. Esse livro tem significado especial para o adventismo, razão pela qual, nos últimos anos, muitos novos estudos têm sido produzidos por teólogos adventistas. Mas, neste artigo, veremos como o livro de Daniel nos ensina muito sobre a didática divina e de que maneira esse conteúdo pode ajudar nosso trabalho pastoral.

Daniel 2

Esse capítulo é um dos mais abordados em estudos bíblicos e sermões evangelísticos. Gostamos de enfatizar o poder da profecia bíblica e sua capacidade de revelar o futuro. Mas, por que será que Deus utilizou uma imagem para representar a história da humanidade? Entre os povos do antigo Oriente Médio, a história humana costumava ser descrita a partir de uma estátua.¹ Se os sábios da corte real soubessem qual era o sonho, eles

não teriam muita dificuldade para entendê-lo, pois estavam familiarizados com essa linguagem.

Porém, essa não era uma simples imagem. Era um ídolo. O capítulo 3 indica isso claramente. Nesse capítulo, encontramos que o rei Nabucodonosor construiu uma imagem de ouro, o mesmo metal que representava seu reino na estátua do capítulo anterior. Para um rei pagão como Nabucodonosor, Deus revelou o futuro da humanidade na forma de um ídolo, que acabou sendo destruído. Deus foi ao encontro do rei na própria realidade dele.

A visão foi concluída com uma pedra destruindo a estátua, tornando-se uma grande montanha que encheu a Terra. Trata-se do reino de Deus sendo estabelecido para todo sempre (Dn 2:44, 45). Essa linguagem não era desconhecida nem para Nabucodonosor, nem para o profeta. Muitos textos sumerianos, como o Cilindro de Gudea (c. 2100 a.C.), o de Lagash, descrevem a inauguração de um templo com uma pedra se tornando em montanha e enchendo a Terra.² O que seria o reino de Deus senão a presença dEle com Seu povo, proporcionando-lhe paz e segurança? O que seria um templo senão a habi-

tação de Deus entre Seu povo? Parte do currículo acadêmico de Babilônia envolvia o estudo da língua e literatura sumeriana, tópicos a que Daniel deve ter sido exposto durante seus três anos de treinamento (Dn 1:5).³

Deus moldou Sua mensagem, de tal modo que Nabucodonosor e Daniel pudessem compreendê-la. Para nós, que temos um abismo cultural e linguístico separando nossa realidade e a deles, pode ser difícil reconhecer isso, mas ao examinarmos a cultura daquela época, esses símbolos contêm muito sentido.

Daniel 7

A visão de Daniel 7 é basicamente a mesma do capítulo 2. Numa tentativa de amenizar o fato de que um rei pagão tivesse recebido revelação divina, costumamos dizer que Nabucodonosor teve um sonho e Daniel teve uma visão. Na verdade, ambos receberam a revelação divina. O aramaico empregado em Daniel 2:28 e 7:1 é praticamente idêntico. No caso de Daniel, fiel judeu, a visão não foi de um ídolo composto de vários metais. Em vez disso, Deus utilizou o esboço da criação. Em Gênesis 1, temos as águas caóticas (v. 2), o *ruach*, palavra que tanto pode

significar espírito como vento (parair do Espírito de Deus), a descrição de vários tipos de atividades divinas, criação dos animais e a criação do ser humano (Gn 1:26-28).

A mesma sequência pode ser vista em Daniel 7. A visão começa com os quatro ventos (*ruach*) do céu agitando o mar (águas caóticas; v. 1). Dali, surgem quatro animais (v. 3). Esse simbolismo não era claro para Nabucodonosor, mas era para Daniel. Deus foi ao encontro dele com uma linguagem conhecida pelo profeta.⁴

Além de Gênesis, outros elementos parecem ter influenciado a maneira pela qual Deus apresentou a visão do capítulo 7. A linguagem desse capítulo é muito parecida com a linguagem usada em manuais de interpretações de sonhos e presságios da religião babilônica, algo familiar para quem era responsável por todos os magos, encantadores e feiticeiros (Dn 5:11). Expressões como “quatro ventos do céu” (Dn 7:2) e animais com múltiplas cabeças e chifres são comuns nesse tipo de literatura.⁵ Outra provável influência na escolha dos animais da visão pode ser encontrada em Oseias 13:7, 8. Ali, Deus usa as imagens de um leão, um leopardo e uma urso, para dizer como atacaria Israel. O que temos em Daniel 7 é justamente isto: poderes opressores do povo de Deus ao longo dos séculos, isto é, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Se esta reconstrução estiver correta, Deus apresentou uma visão com perfeito sentido para o profeta, não apenas como fiel seguidor e conhecedor das tradições do Antigo Testamento, mas também como acadêmico da religião babilônica.

Essa visão deve ter encorajado o profeta. Durante anos, ele estava vivendo em Babilônia e, até aquele momento, Nabucodonosor era quem recebia mensagens divinas (capítulos 2 e 4). Então, Daniel recebeu a confirmação de que um dia o Filho do Homem terá todo o domínio em Suas mãos, e esse domínio não passará a outra pessoa.

Daniel 8

Estudiosos tentaram ver alguma ligação entre o capítulo 8 e os calendários astrológicos usados pelos persas gregos. Nesses calendários, o carneiro simbolizava a Pérsia; e o bode, a Síria, território dominado pelos Selêucidas depois da morte de Alexandre, o Grande. Apesar de atraente, essa ideia apresenta sérias fragilidades, sendo a principal delas o fato de estar fundamentada em fontes tardias (século 2 a.C.), o que torna difícil verificar se alguém que vivesse em Babilônia no sexto século estaria familiarizado com tal associação.

Se o pano de fundo de Daniel 7 parece ter sido Gênesis 1 e manuais de interpretações de sonhos e presságios babilônicos, o conteúdo da visão do capítulo 8 parece ser exclusivamente cômico,⁶ estava totalmente relacionado com a linguagem do tabernáculo israelita. Por exemplo, os símbolos do carneiro e do bode nos remetem a Levítico 16, capítulo que descreve a cerimônia do Dia da Expição. O “príncipe do exército” (v. 11) está relacionado ao homem vestido de linho em Daniel 10:5, exatamente o tipo de veste que o sumo sacerdote usava nesse dia (Lv 16:4, 23, 32).⁷ O uso do termo *pesha'*, traduzido como transgressão ou abominação, é sugestivo, já que esse tipo de pecado também era removido do tabernáculo no Dia da Expição (Dn 8:12, 13; Lv 16:16, 21). O uso do verbo purificar (hebraico *nisdaq*) também parece ter conotação cômica, sendo utilizado como sinônimo do verbo hebraico *tahar* (purificar, cf. Jó 4:17; 17:9),⁸ o mesmo utilizado para descrever a atividade de purificação no *Yom Kippur*.

Um judeu piedoso como Daniel entenderia todo o simbolismo do capítulo 8. Depois de revelar que há um futuro promissor (Dn 7), Deus também revelou quando Ele responderia aos diversos ataques dos Seus inimigos, nesse caso, do chifre pequeno (Dn 8:9-14). O conteúdo básico da mensagem divina era compreensível para o profeta. Ao revelar Sua mensagem, Deus não o fez de maneira aleatória.

Reflexões

Deus Se comunicou com um rei pagão e com um profeta hebreu, por meio de tópicos bem conhecidos para cada um deles. Se Deus encontra as pessoas onde elas estão, por que em nosso ministério, nem sempre conseguimos fazer o mesmo? Quando o pastor visita os membros da igreja, tornando-se conhecedor de seus dilemas, suas alegrias e da história de cada um, torna-se mais fácil apresentar sermões relevantes e práticos. De acordo com o que algumas pessoas costumam dizer, “devemos fazer duas exegeses: no texto bíblico e nas pessoas”.

Estar atualizados com as notícias do mundo e ligados às redes sociais não nos proporciona o conhecimento acerca dos membros da igreja. A interação pessoal é necessária. Quando Cristo andou neste mundo, Ele demonstrou em Seu ministério o que é ir ao encontro das pessoas, no lugar em que elas estão. Seus diálogos e apelos direcionados a muitas pessoas nos evangelhos demonstram que Ele era certo em Suas abordagens.

Será que, no sermão, nossas palavras têm tido significado para todos os ouvintes, alcançando-os em suas necessidades? Será que a razão pela qual alguns usam telefone celular ou smartphone, durante o sermão, não seja o fato de eu estar alheio à realidade deles? Como pastores, precisamos alcançar as pessoas onde elas estão. █

Referências:

- ¹ A. Leo Oppenheim, *The Interpretation of the Dreams in the Ancient Near East* (Georgias Press, 1956).
- ² Greg K. Beale, *The Temple and the Church's Mission: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2004), p. 51.
- ³ Jacques B. Doukhan, *Secrets of Daniel: Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 17.
- ⁴ Martin G. Klingbeil, *Journal of the Adventist Theological Society* 20/1-2 (2009), p. 47, 48.
- ⁵ Ernest Lucas, *Tyndale Bulletin* 41.2 (1990), p. 161-185.
- ⁶ Winfred Vogel, *The Cultic Motif in Book of Daniel*.
- ⁷ Lewis Anderson, *The Michael Figure in the Book of Daniel*, p. 296-317.
- ⁸ Richard Davidson, *Journal of the Adventist Theological Society* 7/1 (1996), p. 107-119.



Pastor, escritor e capelão, jubilado, reside em Gentry, Arkansas, Estados Unidos

Evangelismo do silêncio

À semelhança de Jesus, devemos sair dos edifícios e templos e ouvir as pessoas onde elas vivem, amam, sofrem e morrem

Alguns anos atrás, li um folheto com o título *Ouvindo com Amor*. Lembro-me bem de sua mensagem: Há tempo de falar, somente depois do tempo para ouvir. Os cristãos necessitam de ouvidos maiores e boca menor.

Durante meu treinamento em capelania, tive como mentor pastoral um médico. Ele sempre dizia que os melhores instrumentos na diagnose de problemas médicos ou espirituais são dois ouvidos. Certamente, ele havia lido as palavras de Tiago: “Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar” (Tg 1:19).

Não é fácil ouvir; mas fazer isso significa cuidado e afeto. Feliz é a pessoa que pode contar com um amigo que se disponha a ouvir, sem fazer julgamento, culpar, dar opinião, interpretar, aprovar ou reprovar, alguém que simplesmente ouça e compreenda. Ouvir refletidamente é dedicar toda atenção e força ao processo de compreender o que a pessoa quer dizer, e refletir no significado disso para ela. Fazer isso é ser uma janela para o incondicional amor de Deus. Chamo isso de “ouvir amorosamente”, ou evangelismo da palavra não falada.

Jesus exemplificou esse estilo de ministério quando Se encontrou com o cego Bartimeu. Esse homem estava cansado de ouvir palavras condenatórias dos líderes espirituais, pois as pessoas se sentiam incomodadas conversando com um cego. Incapaz de compartilhar o sofrimento e desespero de seu mundo escuro, ele caminhava pela inevitável estrada de solidão, isto é, até seu encontro com Jesus.

A barulhenta multidão espalhou a notícia de que Jesus Se aproximava. Ouvindo isso, Bartimeu clamou pelo Mestre, pois não podia perder a chance de ser curado. Pessoas ordenaram que ele se calasse, dizendo-lhe que Jesus não tinha tempo para ele, mas Bartimeu clamou mais alto. Para surpresa de todos, Jesus parou e chamou o cego. O Mestre teve tempo para ele, e o ouviu enquanto, entre lágrimas, contava sua história. As Escrituras dão apenas um breve relato, mas acredito que Bartimeu tenha falado muito. Alguém teve boa vontade para ouvi-lo. Somente depois de ouvir Bartimeu, Jesus o curou; porque, curar antes de ouvir, significaria desumanizar o homem que estava aos pés dEle.

Modelo de ouvido amoroso

Ouvir amorosamente é um dom de Deus, e sua essência é o interesse abnegado pelo bem-estar do outro. Ouvido amoroso é paciente e perceptivo, sempre desejoso de ajudar a pessoa a se sentir valorizada. É conhecer o coração de alguém atormentado, não fazendo perguntas, mas estando aberto às palavras, linguagem corporal e aos sentimentos. Você dedica 100% de sua atenção enquanto a pessoa compartilha sua experiência. Somente então pode implementar um plano ou solução.

Um fazendeiro do Texas comprovou essa verdade. Ned era um doente terminal, a quem eu visitava duas vezes por semana no hospital. Durante meses, jogamos dominó, sem dizer muitas palavras. Ocasionalmente, ríamos das piadas dele, pois ele sempre dizia: “Se eu não pudesse rir, morreria.”

Quando Ned não mais conseguiu se levantar, ficávamos juntos em silêncio. Quando ele falava, eu ouvia. Um dia, ele falou sobre seus planos para o fim da vida. Sua pistola estava sob o travesseiro e ele tinha algumas balas. Depois de uma breve troca de ideias e silenciosa reflexão,

Ned concluiu que seu plano causaria interminável sofrimento à esposa e familiares. Então, entregou a arma e as balas à esposa, e pediu que ela as escondesse.

Ouvir amorosamente pode ser contrário a todos os conceitos emitidos em seminários de evangelismo, mas constrói uma estrutura na qual o Espírito de Deus pode operar. Minha amizade com Ned me ensinou que Deus frequentemente fala através do silêncio, e isso acontece em lugares e ocasiões menos esperados.

Em nossa cidade, há um calçadão com bancos e árvores entre as lojas. Quando vejo alguém sentado em um banco, peço permissão para me sentar e, depois de alguns momentos, a pessoa começa a conversar. Num dessas ocasiões, encontrei um homem de 80 anos, que esperava a esposa escolher roupas em uma loja. Ele me falou que aquele estava sendo um mês muito difícil. A filha havia morrido, duas semanas antes, depois de lutar com um câncer durante anos.

Ele e a esposa estavam muito tristes, acreditando que eles deveriam ter precedido a filha na morte. Lutavam com a questão: “Por quê?” Acaso Deus está me punindo por algum erro cometido? Está tentando me ensinar alguma lição? Felizmente, concluiu que, embora não pudesse compreender as coisas, sabia que Deus ainda o amava. Depois de ouvir aquele homem durante uns 15 minutos, falei-lhe sobre o plano de Deus para reunir as famílias. Quando a esposa dele voltou da loja, ele me agradeceu por ter sido bom ouvinte. Até então, não havia encontrado ninguém com quem falar e agradeceu a chance de poder desabafar.

Tendo trabalhado como capelão de hospitais, durante trinta anos ouvi o desabafo de muitas pessoas. Nossa equipe chamava isso de “inventário da vida”. Quando as pessoas compreendem que têm uma doença ameaçadora, elas avaliam a própria vida para determinar se ela valeu a pena.

Arthur, editor do jornal local, é outro exemplo. Seu filho me pediu que

o visitasse e me disse: “Não gosto de saber que eles estão prestes a morrer.” Ao encontrar Arthur, simplesmente comentei que gostava muito de ler seus editoriais. Durante a hora que se seguiu, ele me contou a história de sua vida e, durante um longo silêncio, olhou o infinito. Voltando-se para mim, disse: “Sabe de uma coisa? Deus e eu não temos nenhuma contenda.” Então, o filho dele piscou os olhos e sorriu para mim. Compreendi que ouvir é recompensador.

Meu querido amigo Matt me contou sua experiência em ouvir amorosamente. Certo dia, um dos amigos dele o chamou e disse: “Precisamos conversar. Você tem algum tempo?”

Em seguida, John falou e Matt apenas ouviu: “Estou mergulhado em tanta dívida, que quase nem posso ver a luz do dia. Imprudentemente, deixei minha esposa fora dos meus assuntos comerciais, e ela não sabe quão perto nós estamos de perder tudo. Como posso dizer a ela que traí sua confiança? Não vejo com fazer isso. Escrevi uma carta para ela e a coloquei no porta-luvas do carro, pensando em jogar o carro na frente de um trem de carga, esperando que depois ela encontrasse a carta. Mas, pensei na dor profunda que causaria à minha família. Então rasguei a carta. Você pode me ajudar a encontrar um meio de sair dessa situação?”

Matt elaborou um plano que funcionou. Atualmente, John tem rendimento anual de 80 mil dólares. Ele me disse: “Larry, o que teria acontecido se você não estivesse ali para me ouvir?” Nem posso descrever o que sinto, sabendo que minha atitude salvou uma vida e evitou terrível sombra sobre uma família. Deus me usou para ouvir. E, como você sabe, não há muitos ouvintes neste velho mundo. Todos estão ocupados e não têm tempo.”

Fazendo diferença

Programas, projetos, técnicas e fórmulas têm gastado horas incontáveis e muito dinheiro, apenas para que depois sejam descartados. Tenho

tentado alguns deles, mas nada tem sido tão recompensador como estar com a outra pessoa. Dar de mim mesmo e ouvir com todo o meu ser tem criado laços inquebráveis no tempo ou no espaço.

Certa vez, fui convidado a fazer a oração na abertura de um concílio em uma grande cidade na Inglaterra. Antes, porém, o líder do encontro perguntou meu nome e qual é a igreja que frequento. A resposta dele me chocou profundamente: “Não quero parecer indelicado, mas devo lhe dizer isto: Se sua igreja for queimada, ninguém nesta cidade sentirá diferença.” Esse comentário me fez repensar na abordagem do meu pastorado. Eu devia alimentar espiritualmente os membros da igreja, mas também devia ir além das quatro paredes do templo.

Então, passei a visitar, durante um dia na semana, pessoas na periferia e ouvir suas histórias de pobreza, solidão e tristeza. Visitei muitos jovens que haviam deixado suas respectivas igrejas. Com a ajuda de profissionais especializados, em dois anos, levamos três mil fumantes a abandonar o vício. Mulheres da igreja dedicaram tempo dando assistência a mães solteiras com filhos pequenos. Aulas de culinária foram dadas em igrejas e na universidade local. Grande parte desse trabalho requeria que ouvíssemos as pessoas.

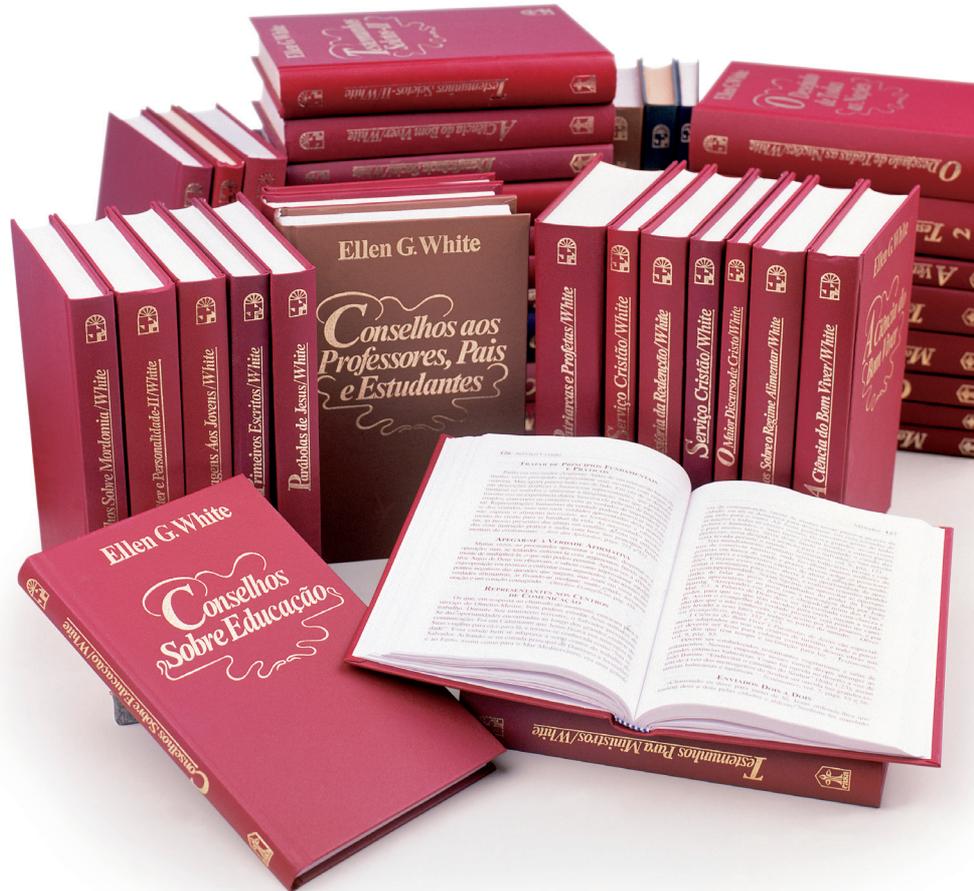
Nem brilhantismo de reuniões públicas nem a mídia substituem a amizade pessoal e a boa vontade para ouvir. À semelhança de Jesus, devemos sair dos edifícios e templos e ir aonde as pessoas vivem, amam, sofrem e morrem. Durante trinta anos tenho estado junto ao leito de pessoas à beira da morte e oficiado funerais. Agradeço a Deus por me haver dado o mundo como minha paróquia. Ele me ensinou que ouvir com amor é chorar com os que choram e se alegrar com os que se alegram. Ensinou-me que ouvir com amor é a janela pela qual o incondicional amor de Deus deve fluir a todos em nossa área de influência. ▀



Respectivamente editor associado na Casa Publicadora Brasileira e diretor do Centro White, Unasp, Engenheiro Coelho, SP

Inspiração em debate

As conclusões da Conferência Bíblica de 1919 sobre Ellen G. White



Entre os assuntos contra os quais dissidentes e críticos da Igreja Adventista do Sétimo Dia têm lançado seus mais ferrenhos ataques, está o papel de Ellen G. White e seus escritos. Afinal, qual é a função que esses escritos desempenham no adventismo? Qual é o nível de autoridade e o tipo e grau de inspiração que eles possuem?

O objetivo deste artigo é analisar brevemente como essas questões foram abordadas na Conferência Bíblica de 1919, realizada em Takoma Park, no estado de Maryland, Estados Unidos, e as dificuldades decorrentes de se aceitar o modelo de inspiração verbal para os escritos de Ellen G. White.

Motivada pelas grandes conferências proféticas realizadas pelos fundamentalistas protestantes no começo do século passado – cujo tema predominante era a iminente vinda de Cristo –, em um mundo abalado pela primeira guerra mundial, a Con-

ferência de 1919 tinha o objetivo de fortalecer a unidade entre os pensadores da Igreja em determinados temas teológicos e pedagógicos.¹

O encontro reuniu 65 pessoas, entre “editores, professores de Bíblia e História de nossos colégios e seminários, e membros da Comissão da Associação Geral”.² As reuniões aconteceram entre os meses de julho e agosto e contaram com a presença do então presidente da Associação Geral, pastor Arthur G. Daniells. Durante a assembleia, foi dada ênfase

à necessidade de um estudo mais profundo da Bíblia, e atenção especial aos temas considerados “fundamentos” de nossa fé.³

Entre os tópicos em pauta, constavam: a pessoa e obra mediadora de Cristo; a natureza e obra do Espírito Santo; as duas alianças; os princípios de interpretação profética; a chamada “questão oriental”⁴; a besta (ou as bestas) do Apocalipse; os 1.260 anos; os Estados Unidos na profecia; as sete trombetas; Mateus 24; e a identificação dos dez reinos de Daniel 7, entre outros.

Esses assuntos foram tratados como estando relacionados à hermenêutica. A preocupação era estabelecer princípios seguros de interpretação.

O tema Ellen G. White

A princípio, o assunto da inspiração de Ellen G. White não estava na pauta, mas surgiu quando, no décimo dia da reunião, o debate tratou da inspiração profética. Os participantes encontraram algumas dificuldades históricas nos escritos da Sra. White. Então, Arthur Daniells percebeu a necessidade de abordar o assunto de maneira mais abrangente. W. E. Howell, que presidia a assembleia, o convidou para explicar esse tema no dia 30 de julho, sob o título: “O uso do Espírito de Profecia em nosso ensino de Bíblia e História”. Durante o debate, surgiram algumas importantes questões.

A primeira, levantada por Clifton L. Taylor, do Departamento Bíblico do Canadian Junior College, tinha que ver com o uso exegético dos escritos de Ellen G. White. Devemos recorrer a ela como intérprete do texto bíblico? Seus comentários sobre textos das Escrituras devem ser considerados autoritativos, infalíveis e a única explicação correta para eles, ou não?

Com o endosso de J. N. Andrews, professor de Bíblia no *Washington Foreign Mission Seminary*, Christian M. Sorenson, professor de História no *Emmanuel Missionary College*, e W. W. Prescott, ex-editor da *Review and Herald* (atual *Adventist Review*) e então secretário da Associação Geral, Daniells respondeu que assumir uma posição de inerrância em relação a Ellen G. White pode ser perigoso. Ele deixou claro que “não é a nossa posição, nem é correto [afirmar] que o Espírito de Profecia seja o único intérprete seguro da Bíblia”. Afinal, como salientou W. E. Howell, a própria Ellen G. White declarou que a Bíblia é sua própria intérprete.⁵

Daniells foi também taxativo ao lembrar que as doutrinas adventistas não foram formadas com base

em Ellen G. White. Nossas crenças vieram por meio de intenso estudo das Escrituras, sendo *posteriormente* confirmadas pelo Espírito de Profecia. Assim, o estudante deve recorrer primeiramente à Bíblia. Só então, os escritos de Ellen G. White devem ser utilizados para “ampliar a visão”, bem como outros materiais que o ajudem na compreensão do texto.

Outra questão importante foi apresentada por Prescott: “Como devemos utilizar os escritos do Espírito de Profecia como autoridade para resolver questões históricas?”⁶ A resposta inicial de Daniells foi que a Sra. White “nunca reivindicou ser autoridade em História” nem declarou ser “mestra absoluta de Teologia. Ela apenas fez declarações fragmentárias, deixando aos pastores, evangelistas e pregadores o encargo de resolver todos esses problemas bíblicos, teológicos e históricos”.⁷

Qual deve ser, então, a atitude do leitor ao encontrar, eventualmente, dados históricos imprecisos nos escritos de Ellen G. White? Acaso isso deve enfraquecer a fé nesses escritos? Daniells reiterou que a Sra. White nunca “se propôs a definir questões históricas”, uma vez que nem os próprios historiadores concordam plenamente entre si. “Nunca entendi que ela atribuisse infalibilidade às citações históricas.”⁸

Discutidas essas questões, o ponto mais conflitante da assembleia ainda estava por vir.

Inspiração verbal

Ellen G. White teria sido inspirada verbalmente? Seus escritos teriam sido inspirados palavra por palavra? Antes de tudo, saber como os participantes da conferência consideravam a inspiração da Bíblia é útil para entender como eles consideravam os escritos de Ellen G. White.

Houve duas linhas de interpretação representadas em 1919. Elas concordavam nos pontos essenciais, principalmente no que se refere à autoridade da Bíblia e à necessidade de um estudo profundo da Palavra de

Deus. Apesar disso, as divergências entre “progressistas” e “tradicionalistas” ficaram claras à medida que o debate avançou.

Os dois grupos afirmavam que as Escrituras são “verbalmente inspiradas”. No entanto, os progressistas, embora cressem na infalibilidade do texto bíblico, não o consideravam inerrante em cada detalhe cronológico, numérico, histórico ou linguístico. Mais dogmáticos, os tradicionalistas diziam que essa flexibilidade poderia gerar problemas. Assim, adotaram um pressuposto mais rígido: as Escrituras são inerrantes em cada detalhe.

Em relação a Ellen G. White, havia também duas abordagens. O grupo progressista era composto por homens que a haviam conhecido pessoalmente e testemunhado o processo de composição de seus escritos, chegando a participar dele. É possível que Daniells e Prescott fizessem parte dessa ala. Os progressistas aceitavam que os escritos da Sra. White, embora inspirados, não são infalíveis. Mesmo alguns deles, que criam na inspiração verbal, entendiam que essa inspiração não implicava inerrância. Aparentemente, os progressistas também faziam distinção entre a Bíblia e o Espírito de Profecia, no que se refere à natureza da inspiração.

Os tradicionalistas eram um grupo mais jovem, que não havia trabalhado com Ellen G. White. Em geral, eles consideravam seus escritos inspirados verbalmente e estando no mesmo nível das Escrituras.⁹

Arthur Daniells era acusado de ser “cético quanto aos Testemunhos”, pelo fato de não crer que fossem inspirados verbalmente. Segundo W. E. Howell, o ponto de vista da inspiração verbal parecia ser o que mais predominava entre os membros da Igreja e muitos pastores naquela época.¹⁰

Dificuldades

Daniells argumentava que algumas dificuldades que a Igreja enfrentava diante dos críticos e dissidentes eram geradas pela crença na inspiração verbal e na infalibilidade de

Ellen G. White. Para ele, acusações de plágio, por exemplo, poderiam ter sido evitadas se, desde o início, “tivéssemos compreendido isso do modo como deveria ter sido”.¹¹

Muitos que aceitavam a inspiração verbal ficaram perplexos depois da revisão do livro *O Grande Conflito*, em 1911, supervisionada pela própria autora, na qual várias alterações técnicas foram realizadas. Se esse livro havia sido inspirado palavra por palavra, e a inspiração é infalível, por que necessitou de ajustes?

Arthur Daniells defendia a ideia de que o profeta é um instrumento divino, mas sua parte humana não deve ser ignorada. Ele lembrou que Ellen G. White repetia com frequência: “Temos este tesouro em vasos de barro”, reconhecendo que era uma frágil mulher, limitada, tentando fazer da melhor maneira possível a obra que lhe havia sido confiada. Daniells afirmou que, a partir do momento em que reconhecemos que ela não era infalível, e que seus escritos não eram inspirados verbalmente, damos oportunidade para a manifestação do humano. Segundo ele, não deveríamos nos surpreender ao encontrar erros (que não afetam a essência da mensagem) nos escritos inspirados – quer sejam da Bíblia ou de Ellen G. White –, pois a inspiração divina não inibe o elemento humano.¹²

De acordo com G. B. Thompson, secretário da Associação Geral, as controvérsias geradas na Igreja podiam ser atribuídas a “uma educação errada que nosso povo recebeu. Se sempre tivéssemos ensinado a verdade sobre essa questão, não teríamos nenhum problema ou choque na denominação agora. Mas o choque ocorre porque não ensinamos a verdade, e colocamos os Testemunhos num plano em que ela [Ellen G. White] declara que eles não estão. Reclamamos mais para eles do que ela o fez”. Para Thompson, “a evidência e a inspiração dos Testemunhos não estão em sua inspiração verbal, senão em sua influência e seu poder na denominação”.¹³

Os debates sobre a autoridade e o uso dos escritos de Ellen G. White, bem como sua relação com a Bíblia, ocuparam dois dias da conferência. Embora não tenha estado inicialmente na pauta, esse foi o tema principal da reunião.

“Com relação à infalibilidade, nunca a pretendi; unicamente Deus é infalível”
(E. G. White)

Considerações finais

Que relevância têm para nós, hoje, os assuntos abordados naquela assembleia realizada há mais de 90 anos?

Pelo fato de muitos adventistas não terem uma visão clara quanto à natureza da inspiração de Ellen G. White, enfrentamos preconceito e críticas. Somos vistos como tendo uma segunda Bíblia nos escritos dela, o que, sabemos, não corresponde à verdade. Ao longo da história da denominação, foi atribuída a Ellen G. White uma autoridade exagerada que ela mesma nunca reivindicou. Ela afirmou: “Com relação à infalibilidade, nunca a pretendi; unicamente Deus é infalível.”¹⁴ William Clarence White, que trabalhou com a mãe por muitos anos, declarou: “Minha mãe nunca reivindicou ser uma autoridade em História.”¹⁵

Usando de maneira errada os escritos da Sra. White, muitos acabaram por ofuscar o brilho da “luz maior”, a Bíblia, citando frequentemente o Espírito de Profecia como palavra final, em vez de recorrer às Escrituras com essa finalidade.¹⁶ Isso sem falar da perda de credibilidade diante dos críticos e do uso “bélico” que muitos fazem desses escritos, utilizados tantas vezes como espada ou escudo em brigas dogmáticas que giram, em sua maioria, ao redor de assuntos periféricos.

Não queremos aqui, de maneira alguma, diminuir a importância de Ellen G. White como profetisa. Pelo contrário: colocar o Espírito de Profecia na moldura certa e lhe atribuir a função que ele realmente possui (confirmar as verdades bíblicas e orientar a Igreja¹⁷) o enaltece, em vez de diminuir seu valor.

Finalmente, a principal contribuição da Conferência Bíblica de 1919 foi evidenciar a coerência do modelo de inspiração do pensamento (dinâmica),¹⁸ em lugar da inspiração verbal, como o que melhor explica o processo da inspiração da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White, além de confirmar seu papel como mensageira do Senhor. ▀

Referências:

- ¹ Michael W. Campbell, *The 1919 Bible Conference and its Significance for Seventh-day Adventist History and Theology* (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2008), p. 81.
- ² Molleurus Couperus, *Revista Spectrum*, v. 10, n.º 1, p. 25. <<http://drc.whiteestate.org/files/890.pdf>>, acessado em 3/6/2013.
- ³ Michael W. Campbell, *Op. Cit.*, p. 81.
- ⁴ A “questão oriental” se referia à interpretação sobre quem era o “rei do Norte”, em Daniel 11. Ver Schwarz *apud* Herbert E. Douglass, *A Mensageira do Senhor* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), p. 440.
- ⁵ *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, 462.
- ⁶ *Report of the 1919 Bible Conference*, 30 jul., p. 1202. <<http://docs.adventistarchives.org/documents.asp?q=document&CatID=19&SortBy=1&ShowDateOrder=True>>, acessado em 3/6/2013.
- ⁷ Herbert E. Douglass, *Op. Cit.*, p. 435.
- ⁸ *Report of the 1919 Bible Conference, Op. Cit.*, 30 jul., p. 1212.
- ⁹ Michael W. Campbell, *Op. Cit.*, p. 168.
- ¹⁰ Herbert E. Douglass, *Op. Cit.*, p. 436.
- ¹¹ Michael W. Campbell, *Op. Cit.*, p. 164.
- ¹² *Report of the 1919 Bible Conference, Op. Cit.*, 1.º ago., p. 1243.
- ¹³ *Ibid.*, p. 1238.
- ¹⁴ *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 37.
- ¹⁵ Owen *apud* Molleurus Couperus, *Op. Cit.*, p. 25.
- ¹⁶ *O Colportor-Evangelista*, p. 125.
- ¹⁷ Ver *Mensagens Escolhidas*, v. 3, seção 2, “Princípios de Inspiração”.
- ¹⁸ Segundo a teoria da inspiração do pensamento, o Espírito Santo atua na mente do autor/profeta, dirigindo seus pensamentos, não necessariamente suas palavras. De acordo com esse modelo, o profeta estaria livre para expressar com sua própria linguagem a mensagem revelada por Deus. A teoria da inspiração do pensamento se opõe às teorias da inspiração verbal e da inspiração mecânica (ditado), para as quais Deus é o Autor de cada palavra e detalhe do texto sagrado.



Ministério do amor

Qual é a melhor forma de nos relacionarmos com membros afastados da igreja? Nem todas as portas estão fechadas, algumas se abrem. Precisamos encontrar a chave certa



“**N**ão sou um projeto!”, a mulher gritou furiosamente para Samanta¹, integrante da equipe de resgate de membros afastados de sua igreja. “Não me incomode mais!” Com isso, bateu a porta, e Samanta saiu vagorosamente, chorando. Assim, ela relatou aquele encontro ao

nosso grupo: “Ela me perguntou por que os irmãos estavam indo semanalmente à sua casa. Expliquei-lhe que havíamos criado um novo ministério, chamado Projeto do Amor, para alcançar os membros que não iam à igreja, e...” Nesse ponto do relato, comecei a entender. Talvez, o nome do ministério tenha feito com que a mulher sentisse que era vista apenas como “projeto”.

Alcançar membros afastados da igreja é um desafio tremendo. Muitos pastores e membros indagam qual seria a melhor maneira de se relacionar com aqueles que já fizeram parte da família da igreja. Nem todas as portas estão fechadas.

Depois que Samanta compartilhou sua experiência, nosso grupo se ajoelhou, orou pela irmã afastada e por todos os outros que se encontravam em igual condição. Também discutimos a respeito de como poderíamos reatar a comunicação com eles. Desde então, tenho aprendido algumas lições sobre a razão pela qual as pessoas abandonam a igreja e como fazer para resgatá-las. Aqui estão alguns fatores que devem ser lembrados.

Pessoas não são projetos

Samanta não teve intenção de identificar aquela mulher apenas como um projeto. Às vezes, nós também podemos recorrer a métodos menos relacionais e mais objetivos. Cartazes e convites têm seu lugar, mas eles não substituem o carinho pessoal. “Todos quantos se empenham nesse trabalho, como os próprios ministros que pregam a Palavra, devem ser muito cuidadosos para não agir mecanicamente. Devem aprender continuamente. Possuir zelo consciencioso em adquirir as mais elevadas qualidades, em se tornar homens eficientes nas Escrituras.”² Há lugar para sistemas, planos estratégicos, mas o método mais simples é olhar nos olhos do outro e lhe dizer: “Eu me importo com você.”

Descobri que as pessoas que não mais frequentam a igreja po-

dem rejeitar visitas formais e muito planejadas, tornando-se céticas em relação ao ministério cujo objetivo é apenas “puxá-las de volta” para o rebanho. Reconstruir relacionamentos requer tempo. Especialistas em resgate de membros afastados dizem que, quanto maior for o tempo de afastamento deles, maior será o número de contatos necessários para reconquistá-los.

“Criaremos mais oportunidades para que os afastados voltem à igreja, se nos inteirmos de seus pesares”

Se desejamos resgatar membros afastados da igreja, devemos orar por pessoas que se interessam genuinamente pelo ministério. Precisamos orientá-las a demonstrar simpatia, sem tentar “corrigir” aqueles que se foram. Faremos melhor se procurarmos refletir a respeito de como amar genuinamente as pessoas, sem que estejamos preocupados em ser eficientes ou bem-sucedidos. O amor abnegado focaliza as necessidades dos outros.

De quem é o problema?

Assustei-me quando ouvi alguém dizer: “Pastor, este é um país livre. Se eles [os afastados] desejam abandonar a igreja, a escolha é deles. Acho que devemos respeitar e não incomodá-los.” A negligência é um dos maiores problemas nessa área. Certamente, Jesus não usou essa abordagem em relação a pessoas que deixam o rebanho (Lc 15:4). Paulo escreveu: “Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé” (Gl 6:10).

Em seminários que realizo, geralmente pergunto se alguém conhece algum membro que não está frequentando a igreja. A maioria co-

nhece. Então, pergunto: “Quantos de vocês têm um familiar incluído nesse grupo?” Normalmente, mais de 75% levantam a mão. Há muito amor e preocupação na família da fé. Mais que teoria, essa é uma questão de família.

Alguns podem até encontrar explicações para a evasão de membros. Muitos atribuem esse afastamento a razões doutrinárias ou espirituais; mas isso pode ser apenas uma forma de reforçar seu *status*. Em outras palavras: “Comigo está tudo bem, estou na igreja. Eles têm um problema, porque se afastaram.” Essa explicação egoísta tira a responsabilidade dos que ficam na igreja e a coloca sobre os que saem. Ela nos torna cegos para o que podemos contribuir em relação a eles.

Embora não possamos afirmar que todos os ex-membros saíram pelas mesmas razões, há semelhanças a respeito da razão pela qual eles nos deixam. Qualquer que seja a razão, na maioria das vezes, por trás disso, há pessoas feridas. Essas feridas decorrem de eventos típicos da vida. Pessoas que se graduam, mudam de cidade, perdem o emprego, ou até divorciam. Um casamento desfeito é algo sobre o que as pessoas não querem ficar o tempo todo dando explicações a quem pergunta. Assim, a maneira mais fácil é não aparecer na igreja.

Motivos relacionais do afastamento, na maioria das vezes, não são culpa de ninguém na igreja. Ocasionalmente, alguém culpa o pastor ou algum outro membro, como justificativa para seu gesto. Porém, nosso grande problema é a maneira pela qual lidamos com os que se afastam. É desperdício de tempo e energia tentar achar culpados. Outros querem julgar os que estão retornando. Mas, quando eles estavam se afastando, simplesmente os ignoraram.

Certa ocasião, visitei por acaso um jovem casal que, havia mais de um mês, não estava indo à igreja. Eu era pastor associado e realmente não havia notado a ausência deles. Apareci inesperadamente, e eles me

receberam muito bem. Obviamente, imaginaram o motivo da minha visita. Mas, eu não sabia que estavam afastados até que começamos a conversar. Percebi que estavam frustrados porque a comissão de nomeações não os havia indicado para nenhum cargo. Imediatamente, os envolvemos em um ministério para o qual eram dotados, e eles ficaram felizes.

Precisamos avaliar cuidadosamente os motivos pelos quais somos levados a estender a mão a essas pessoas. “A melhor maneira de sabermos se estamos certos ou errados... está no modo de tratarmos os outros. Posso achar que estou certo quando, na verdade, estou abaixo da crítica em minha maneira de ser.”³

Respeite o direito que as pessoas têm de não declarar os motivos pelos quais se afastaram da igreja. Se quiserem falar, deixe que elas façam à sua maneira. Caso contrário, apenas mostre compaixão para com tudo o que podem estar passando na vida. Seja sensível no trato dos problemas dos ex-membros.

Maior habilidade

Tudo o que se ensina sobre métodos de resgatar membros afastados pode ser resumido em uma habilidade: ouvir com empatia. Embora existam muitas outras habilidades que podemos aprender, nada é tão importante quanto ouvir com atenção, colocando-se no lugar deles.

“Ele foi tratado injustamente; o diretor não gosta dele”, disse-me o pai de um adolescente. Ele não mais frequentava a igreja, porque o filho havia sido expulso de nossa escola. A mãe também não frequentava. O incidente havia ocorrido dois anos antes da minha chegada àquela igreja. Embora eu já soubesse da história, simplesmente ouvi. Houve momentos em que tive vontade de interrompê-lo, mas apenas disse a ele: “Sinto muito pelo que aconteceu.” Não concordei com tudo, mas demonstrei compreensão. Deixei-o ciente de que faria tudo o que pudesse para resolver a situação. No fim,

aquela conversa ajudou a construir uma ponte entre eles e a igreja.

Criaremos mais oportunidades para que os afastados voltem à igreja, se nos inteirmos de seus pesares, mesmo que sejam questões administrativas. Melhor que apenas dizer: “Sinto muito, isso não representa Deus nem a igreja”, será apropriado acrescentar: “Em nome da igreja, quero lhe pedir desculpas.” Tal atitude pode curar uma mágoa guardada por décadas.

Desespero é o sentimento daqueles que estão fora da igreja. Nessa condição, é comum questionarem o valor das coisas espirituais. Podem pensar: “A igreja não faz sentido, ninguém se importa com ninguém.” Se lhes dedicamos atenção e compaixão, demonstramos que a igreja não é inútil nem fria. Ouvir comunica amor.

Como pastores, ao visitarmos membros afastados, podemos encontrar pessoas iradas que despejam sua ira sobre nós. É fácil tomar essa atitude como sendo pessoal. Lembro-me de um idoso apontando o dedo para mim. Ele não frequentava a igreja havia anos, porque achava que Deus era injusto. Dizia: “Deus permitiu que minha filha morresse em um acidente de carro uma semana antes de se casar. Como posso adorar um Deus como esse?” Em circunstâncias assim, a tentação é teologizar. Simplesmente me aproximei dele e, com lágrimas em meus olhos, disse-lhe: “Realmente, sinto muito!” Pastores são representantes de Deus e, algumas vezes, as pessoas descarregam sua dor no clero, que, mesmo imperfeitamente, personifica o Senhor.

Resultados

Nosso projeto tinha como objetivo resgatar dez famílias. Embora tenhamos cometido erros, e sido obrigados a passar mais tempo aprendendo a ouvir, tivemos êxito. Iniciamos os contatos de maneira simples, levando pães, lembranças feitas pelas crianças e outros itens. Depois de dez semanas, passamos

a entregar literatura. Então, os chamamos para uma refeição de confraternização social na igreja e os convidamos a voltar à igreja. Três famílias responderam positivamente.

“Há um lugar para sistemas, planos estratégicos, mas o método mais simples é olhar nos olhos do outro e lhe dizer: ‘Eu me importo com você’”

Uma dessas famílias havia tido problemas com outra família da igreja, referente ao aluguel de um imóvel. Até então, não haviam acertado a situação. Um dos integrantes do nosso ministério ofereceu ajuda e isso contribuiu para a “cura”. Depois de conversarem, os dois casais oraram, abraçaram-se e choraram. No sábado seguinte, as famílias se sentaram juntas na igreja.

Ao longo dos anos, descobri alguns itens básicos que podem ajudar no resgate de membros afastados. Primeiramente, sempre há um grupo, treinado, que se dedica a esse ministério. Seus participantes aprenderam a ouvir com empatia, sem julgar atitudes nem comportamentos. Dedicam-se não apenas a encontrar ex-membros, mas a dar atenção aos faltosos eventuais.

Eu realmente havia esperado que as dez famílias voltassem. Mas agora compreendo que ter um terço delas de volta é excelente resultado. Sentimos alegria em tê-las novamente conosco e saber que essas pessoas nos perdoaram. Métodos e estruturas são menos importantes do que demonstrar amor e atenção. Aprendemos que pessoas são mais importantes do que projetos. ▀

Referências:

¹ Pseudônimo.

² Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 193.

³ Arbinger Institute, *The Anatomy of Peace: Resolving the Heart of Conflict* (San Francisco, CA: Berrett-Koehler Publishers, 2006), p. 57.

FIQUE POR
DENTRO
DO QUE
ACONTECE
NA IGREJA



Priscila Cajá / Imagem: Daniel de Oliveira

Com mais de cem anos de experiência, este Corgão de comunicação mensal da igreja oferece conselhos equilibrados, amplia seu conhecimento doutrinário/teológico e deixa você por dentro das notícias da igreja no Brasil e no mundo. Assinatura indispensável para todos os lares adventistas.

t f You Tube /casapublicadora

Ligue: **0800-552616***

Acesse: **www.cpb.com.br**



*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h, Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h



A PRÁTICA DA TEORIA

Fred Hardinge
Diretor de Saúde na Associação
Geral da Igreja Adventista

Recentemente, minha esposa e eu realizamos um seminário de culinária vegetariana em nossa igreja. Os participantes apreciaram as informações, as novas sugestões de cardápio e o ambiente interativo. Meses depois, fomos a um novo supermercado estabelecido na cidade. Estávamos conferindo os produtos, os preços, e fazendo nossas compras.

Uma das senhoras que assistiu ao seminário também estava fazendo compras e, aparentemente, nos seguia de longe, observando o que colocávamos no carrinho. Ao chegarmos a um dos caixas, ela tocou o ombro de minha esposa. Alegramo-nos pelo reencontro e, depois de alguns minutos conversando, ela nos disse: “Estou muito feliz em ver vocês praticando o que nos ensinaram durante as aulas!” Sentimo-nos recompensados e felizes diante da observação.

Esse é um forte lembrete a todos nós que ensinamos ou pregamos que nossa conduta e nossas escolhas são observadas por outras pessoas, às vezes, quando menos esperamos.

De acordo com relatório da Comissão Nacional de Prevenção, Detecção, Avaliação e Tratamento da Hipertensão, nos Estados Unidos, todos os pacientes hipertensos deviam ser tratados com mudanças no estilo de vida, necessitem eles ou não de medicamentos. Entretanto, esse conselho nem sempre é seguido ou colocado em prática como devia ser. Muitos pacientes ainda agem com muita complacência nesse sentido. O que mais podia ser feito para ajudá-los a realizar as mudanças no estilo de vida, as quais os beneficiarão nos aspectos físico, mental e espiritual? Pesquisas sugerem que a resposta pode estar

relacionada com os hábitos de saúde dos médicos.

Mil médicos responderam voluntariamente a uma pesquisa, via internet, chamada *DocStyles 2010*. Essa pesquisa devia identificar atitudes e comportamentos dos médicos em relação ao estilo de vida saudável. A média de idade era 45, e 68% eram homens. Quatro por cento fumavam pelo menos uma vez na semana, 68,6% consumiam cinco ou mais porções de frutas e vegetais por dia, e 27,4% se exercitavam cinco ou mais dias na semana.

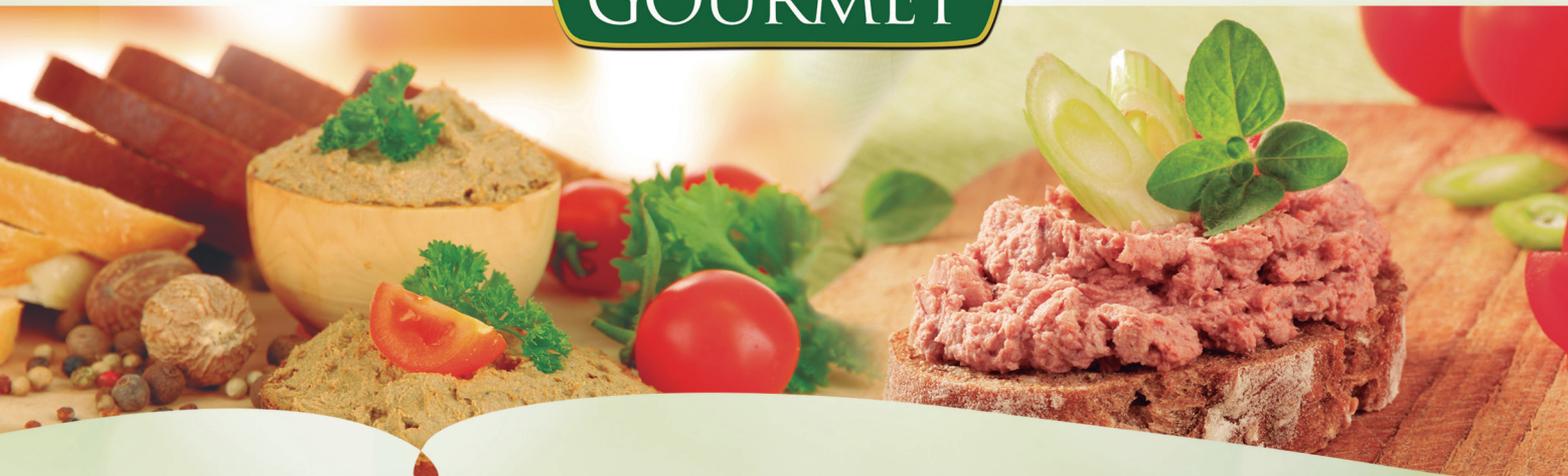
Não é de surpreender que aqueles que se exercitavam e não fumavam eram significativamente mais adequados para recomendar as cinco atitudes que são especialmente ajudadoras no tratamento da hipertensão: dieta saudável, redução do sal, manutenção do peso apropriado, atividade física e abstinência de bebida alcoólica.

Profissionais de saúde com um estilo de vida saudável têm mais condições de propor esse estilo a outros. Isso se aplica não apenas a esses profissionais, mas toda pessoa que viver os princípios de saúde será mais eficiente ao compartilhá-los.

Imaginemos uma pesquisa chamada *PregadoresStyles 2014* sendo feita entre cem pastores. O que ela nos revelaria? Que evidência ela daria sobre nossa própria coerência? Acaso praticam os pastores o que eles ensinam? Talvez, os resultados sugerissem que alguns pastores desperdiçam tempo na internet, sentados vendo televisão, quando deviam realizar atividade física.

Aqueles que ensinam e praticam os princípios bíblicos da vida espiritual saudável devem ser coerentes em seu modo de viver. Mesmo que ninguém esteja observando nossos atos mais secretos, sabemos que estamos sendo observados pelo Céu. O único meio de vivermos de modo transparente e coerente é o genuíno relacionamento com Jesus. Então, podemos efetivamente apresentá-Lo a outras pessoas.

Escrevendo aos hebreus, disse o apóstolo Paulo: “Sendo assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé, tendo os corações aspergidos para nos purificar de uma consciência culpada, e tendo os nossos corpos lavados com água pura. Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois Aquele que prometeu é fiel” (Hb 10:22, 23). Deus nos chama a ser sinceros, íntegros e coerentes para viver o que professamos, tanto no sentido físico bem como no espiritual. Ele pede apenas que façamos algo que é do nosso melhor interesse que nos possibilitará o máximo de vida abundante e plena. Se o permitirmos, Ele realizará isso em nós.



Patês vegetarianos para pessoas de paladar refinado

NÃO CONTÉM GLÚTEN



Lançamento disponível nas seguintes redes

- DIAS PASTORINO - HIPPO SUPERMERCADOS - SONDA SUPERMERCADOS - LINEA VERDE - FUTURAMA SUPERMERCADOS
- DARLEY PRODUTOS NATURAIS - EMPÓRIO DO ARROZ INTEGRAL - EMPÓRIO NATURAL - VIA VERDE PRODUTOS NATURAIS - ST MARCHE EXTRA - PÃO DE AÇUCAR - ZAFFARI - MUFFATO - COOP - SAVEGNAGO - LOPES - DAVÓ - VARANDA - MASTER - MUNDO VERDE.

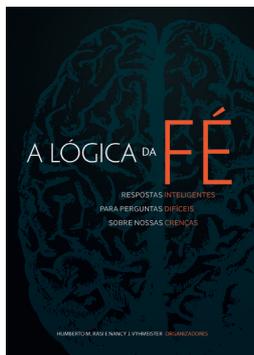
em breve em mais lojas para você

R. Domingos Peixoto da Silva, 245 - Capão Redondo - São Paulo, SP | (11) 2842-1800 - www.superbom.com.br
SuperbomBR | | #porqueviverbom



A LÓGICA DA FÉ

Humberto M. Rasi e Nancy J. Vyhmeister
(organizadores), Casa Publicadora Brasileira, Tatuí,
SP, tel.: 0800 9790606, e-mail: sac@cpb.com.br, 198
páginas.



Nesta época em que o secularismo pretende desacreditar a religião cristã, e em que o relativismo quer negar a existência da verdade, este livro é uma ferramenta indispensável. Fé e razão são compatíveis? Milagres são possíveis? Se Deus é bom, como pode permitir o sofrimento? Essas e outras questões são respondidas por alguns dos mais

respeitados eruditos adventistas. Os temas giram em torno de importantes perguntas da fé cristã, que foram tratadas de forma inteligente, consistente e agradável.

PAIXÃO PELA VERDADE: A COERÊNCIA INTELLECTUAL DO EVANGELICALISMO

Alister McGrath, Shedd Publicações, São Paulo, SP, tel.:
(11) 5521-1924, www.sheddpublicacoes.com.br, 239
páginas.



Nos últimos 50 anos, o intelectualismo cristão reviveu produtivamente, sobretudo no campo da História e Filosofia. Atualmente, diversos teólogos, entre os quais McGrath, erudito de Oxford e professor de pesquisa em Teologia, têm procurado demonstrar que a herança do movimento provê recursos para enfrentar os desafios do século 21. Este livro representa uma das mais fortes declarações de vitalidade intelectual, em pelo menos duas décadas.

COMO CONVIVER BEM COM AS PRESSÕES

Richard A. Swenson, Editora Betânia, Belo Horizonte,
MG, tel.: (31) 3408-5300, www.livrariabetania.net,
309 páginas.

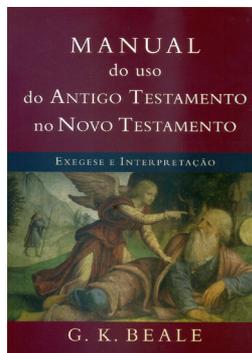


Cansado? Desanimado? Estressado? Você não está sozinho. Milhões de pessoas em todo o mundo vivem sob pressão. Todas sofrem com um dos mais terríveis males dos tempos modernos: a síndrome da sobrecarga. Se você enfrenta essa situação, existe solução para seu problema. O autor deste livro compartilha sua

experiência e apresenta um plano de ação para vivermos dentro de nossos limites e valorizarmos as coisas mais importantes da vida.

MANUAL DO USO DO ANTIGO TESTAMENTO NO NOVO TESTAMENTO

G. K. Beale, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova,
São Paulo, SP, e-mail: vidanova@vidanova.com.br,
222 páginas.



O Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, escrito por um destacado estudioso na área de Novo Testamento, oferece ao leitor um roteiro para o estudo aprofundado das inúmeras referências do Antigo Testamento no Novo. Conciso a ponto de se mostrar acessível, mas ao mesmo tempo

suficientemente completo para preservar sua utilidade, este manual é um guia confiável para todo estudante das Escrituras.



Carlos A. Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

Êxito garantido

Em 1900, o jornal londrino *The Times* publicou aquele que talvez tenha sido o maior de todos os anúncios. Caracterizado pela falta de traços elegantes e ausência de imagens de homens ou mulheres atraentes, recebeu respostas de toda a Inglaterra. Assinado por Edward Shakleton, explorador ártico, o anúncio dizia: “Precisa-se de homens para uma viagem perigosa. Salário pequeno, frio terrível, longos meses de completa escuridão, perigos constantes, regresso duvidoso; honra e reconhecimento, em caso de êxito.”

Bem poderia esse anúncio ter sido um chamado para o ministério, que, evidentemente, não se trata de um caminho fácil. Entretanto, muitos hoje se unem ao ministério, porque acreditam ser um caminho cômodo que os levará a uma vida respeitável, livre do tumulto e da fúria do mundo exterior.

Ao chamar homens para o ministério pastoral, Jesus não deu garantias de facilidades. De fato, “ao viajar Saulo para Damasco, com cartas autorizando-o a prender homens e mulheres que estivessem pregando a Jesus, e levá-los para Jerusalém, os anjos maus exultaram em torno dele. Mas de súbito uma luz do Céu brilhou ao redor dele. Essa luz levou os anjos maus a fugir e a Saulo fez cair por terra. Ele ouviu uma voz dizendo: ‘Saulo, Saulo, por que Me persegues?’ Saulo indagou: ‘Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues... Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer’” (Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, p. 200).

Aceitar o chamado significa aventurar-se em direção às fronteiras. Cristo, nosso grande Capitão, coloca-nos diretamente na linha de frente, a fim de que sejamos testemunhas. Caso você pense em conforto e facilidades materiais, o ministério de Cristo não é para você. Se pensamos em paz e calma constantes, ainda não com-

preendemos o significado da vida cristã. Deus nos pede que cumpramos a mais temerária e exigente das tarefas!

Se você me perguntar: “Que devo fazer?”, eu respondo: Primeiramente, renda-se a Jesus Cristo seu Senhor e Salvador. Em seguida, busque a vontade de Deus para sua vida, estudando diligentemente Sua Palavra. Então, ore diariamente, pedindo forças para resistir a tudo o que é mau, pois somente quando sua vida estiver aberta à Cristo, por meio da oração, é que você poderá receber Sua direção. Faça todo o possível para ajudar outros na busca da verdade. Finalmente, alegre-se no ministério e avance! As riquezas da eternidade serão suas.

“Nosso Pai celestial nada mais nem menos requer do que o que nos deu capacidade para executar. Ele não sobrecarrega Seus servos com fardos que não podem suportar. ‘Conhece a nossa estrutura; lembra-Se de que somos pó.’ Tudo que requer de nós, podemos render-Lhe pela graça divina” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 362).

“Não devemos falar de nossa fraqueza e inaptidão. Com isso manifestamos desconfiança para com Deus, e negamos Sua palavra. Ao murmurarmos por causa de nossas cargas, ou recusarmos assumir as responsabilidades de que nos encarregou, estamos dizendo virtualmente que Ele é um Senhor severo e que requer o que não nos deu força para executar” (Ibid., p. 363).

Diferentemente do anúncio do *The Times*, o chamado de Jesus não termina dizendo: “honra e reconhecimento em caso de êxito”. No ministério, o êxito está garantido: “Mas se nos entregarmos completamente a Deus, e seguirmos Sua direção em nosso trabalho, Ele mesmo Se responsabilizará pelo cumprimento. Não quer que nos entreguemos a conjeturas sobre o êxito de nossos esforços honestos. Nem uma vez devemos pensar em fracasso. Devemos cooperar com Aquele que não conhece fracasso” (Ibid.). ▀

“Nenhuma vez devemos pensar em fracasso. Devemos cooperar com Aquele que não conhece fracasso”



Vem aí:

CPB
ONLINE de **INVERNO**

Mari Baroni / Imagem: shutterstock

5 e 6 de julho

Descontos incríveis, grandes lançamentos e sorteios
Programação especial na TV Novo Tempo.

www.cpb.com.br

0800-9790606